LIBRARY OF PRINCETON
MAY 20 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian6331inst

Revista GREGORIANA

LAP

33

[No. 32 unavailable]

D. CIRILO FOLCH GOMES, O.S.B.

A Virgem e a Eucaristia 2

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT, O.S.B.

"Dizei entre as Nações: O Senhor é Rei (*Salmo* 97,10) 15

P.L. AGUSTONI

Notação neumática e interpretação 27

Falando de Liturgia 34

Vida do Instituto Pio X 45

Livros em Revista 49

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 29 1988
THEOLOGICAL SEMINARY

Maio - Junho — 1959 — Ano VI

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)
(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes
Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant)

Sagrada Escritura — Canto Sacro — Liturgia — Espiritualidade.

ORGÃO DO INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B.
Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 - BOTAFOGO - RIO - TEL. 26-1822

★ — Tudo que se refere à **REDAÇÃO** ou à **ADMINISTRAÇÃO** (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc....) deve ser endereçado à Diretoria do **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**. Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, **RIO DE JANEIRO.**

★ — **ASSINATURA ANUAL** (Janeiro a Janeiro). — Por enquanto, tiragem bimestral. — Para o Brasil: Cr$ 100,00. — Para o Estrangeiro: Cr$ 150,00. — Número avulso: Cr$ 15,00. — Número atrazado: Cr$ 20,00. — Via aérea: Cr$ 150,00. Mudança de endereço: Cr$ 5,00, para a reimpressão da placa.

★ — **A REVISTA GREGORIANA** é enviada, por direito, aos Sócios do **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.**

★ — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do **INSTITUTO PIO X** — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (E' grande favor endereçar para a **AGENCIA** do **CORREIO** de **BOTAFOGO**). O cheque bancário pagável no Rio. Não se aceita Ordem de pagamento.

★ — Inscrevam-se como Sócios do **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular	— CR$	120,00 por ano;
Sócio Protetor	— CR$	200,00 por ano;
Sócio Fundador	— CR$	500,00 por ano;
Sócio Benfeitor	— CR$	1.000,00 por ano... ou mais.

★ — Assim também a Revista "**PERGUNTE e RESPONDEREMOS**". Assinatura: Cr$ 100,00. Via aérea Cr$ 150,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 150,00 — Número avulso: Cr$ 10,00 — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO.

A VIRGEM e a EUCARISTIA

A VIRGEM E A EUCARISTIA

"Bendito é o fruto de teu ventre"
(Lc 1,42)

★ Um tema fecundo de sugestões para a vida espiritual é o das relações entre a Virgem e a Eucaristia. Tema antigo, que já encontramos presente na Igreja dos primeiros tempos, e que a Liturgia não cessa de contemplar em suas festas eucarísticas ou marianas. Tema profusamente expresso na arte cristã e do qual também a arqueologia nos fornece testemunhos (1). Bem longe de ser especulação imaginosa de teólogos particulares, emerge na vida da Igreja como um dado objetivo de sua espiritualidade e de sua tradição.

Se o fôssemos procurar *na Escritura*, seria antes *implicitamente* que o encontraríamos, isto é, em suas grandes premissas: Maria dá a Jesús a substância de sua carne e de seu sangue; essa mesma carne e êsse mesmo sangue são, na Eucaristia, verdadeiro alimento e verdadeira bebida para os cristãos. Não faltam, contudo, *insinuações* altamente significativas, numa perspectiva mais direta do mesmo tema: a intercessão da Virgem no milagre de Caná, que uma longa tradição exegética interpreta como prenúncio da Eucaristia; a participação da Mãe de Jesús à vida da primitiva Igreja assìduamente congregada para a "fração do pão" (Act 2, 41, 46) (2).

---

(1) — Cf. Card. Schuster e Mgr. Belvederi, "La Vierge et l' Eucharistie dans l' Archéologie", in "Marie et l' Eucharistie", por uma série de Autores, Montreal 1954, pp. 121-126.

(2) — Cf. A. Bea, "Erant perseverantes...", in "Alma Socia Christi" (actas do Congresso Marial do Ano Santo), vol. VI, fasc. 1, Roma 1952, pp. 21-37.

Se, porém, a informação da Escritura é escassa, a tradição da liturgia, dos Padres e dos Santos está aí para nos atestar que de fato existe uma relação íntima e profunda entre a Virgem e a Eucaristia (3).

Comecemos, pois, por fazer um resumido inventário dêsses dados objetivos. Vejamos em primeiro lugar o que a *Liturgia* encerra, lembrando-nos de que a "lex orandi" é uma expressão valiosa da "lex credendi" e que, portanto, seu testemunho tem grande valor. Começaremos por um dado que não é dos mais persuasivos, é verdade, que é mais um indício do que um argumento, porém que tôdos conhecemos: a menção de Nossa Senhora no "Communicantes" da Missa romana. Sua formulação mariana atual parece datar do fim do século IV (4). Reza ela :

"Em santa união (communicantes), honramos primeiramente a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de Jesús Cristo, nosso Deus e Senhor..."

É uma comemoração muito especial de Maria antes da Consagração e que poderíamos interpretar como significando uma ressonância litúrgica do "Stabat juxta Crucem Jesu" do Evangelho de S. João (19,25).

Antes da Comunhão recorre-se, também, à intercessão da "Bermaventurada e gloriosa Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria" (Oração "Libera nos, quaesumus").

Mais eloquentes são, porém, sem dúvida, as comemorações de Nossa Senhora das Missas das Liturgias Orientais, como veremos mais adiante. Continuando na Liturgia romana, por enquanto, veremos que os testemunhos de maiór interêsse são os da Festa de Corpus Christi. Nêsse dia todos os hinos (que não têm conclusão própria) devem terminar-se pela seguinte doxologia :

Glória a Vós, Senhor,
Nascido da Virgem,
Que reinais com o Pai
E o Espírito Santo
Por todos os séculos
Amem.

(3) — Cf. o que disse Pio XI em carta ao cardeal Cerretti, legado pontifício ao Congresso Eucarístico Internacional de Sidney (AAS, 20, 1928, p. 323): "il a été décidé que, par des études profondes et des discussions, on mette en pleine lumière les relations qui existent entre la Vierge Marie et la Sainte Eucharistie, relations dont un grand nombre de témoignages nous est fourni par la liturgie elle-même de l' Eglise, les écrits des Pères et des saints".

(4) — Cf. Cecchelli, "Mater Christi", Roma 1946, I, p. 166.

Já no primitivo Ofício de Corpus Christi, composto em 1246 sob a direção de Sta. Juliana de Cornillon, encontrávamos a mesma associação :

Esta verdadeira carne que nós comemos
É a que Êle assumiu da Virgem.

E mais adiante, nesse mesmo hino para o Ofício de Completas :

Êste pão suave
Todo chêio de graça
É o Rei da eterna glória
Formado no séio da Virgem. (5).

Como não reconhecer, por detrás da preocupação dogmática evidente de afirmação da presença real, um acento de terno culto mariano ?

Também no hino "Pange lingua", que a Liturgia nos faz entoar na 5.ª Feira Santa e na Festa de Corpus Christi, Jesús, evocado na cena da instituição da Eucaristia, é chamado "Fructus ventris generosi", como se a Maria de algum modo devêssemos o alimento de nossas almas.

Ainda na Liturgia latina cumpre referir os frequentes textos que cantam a Virgem como Mãe do Pão da vida. Embora ao tempo dos Padres a designação de Pão da vida e outras dêsse gênero não incluissem sempre uma alusão direta a Eucaristia, mas significassem simplesmente que o Verbo é, pela Encarnação, um Pão para a nossa fé, mais comumente, porém, continham um intencionado sentido eucarístico e sem sombra de dúvida é êste também o prisma da Liturgia. Vejamos alguns exemplos :

Na Festa da Assunção diz uma Antífona das Laudes :
"Por ti (Maria) comungamos o fruto da vida";
na Festa da Imaculada Conceição, Ela é dita :
"Campo não arado, videira florida";
no Comum das Festas de Nossa Senhora, a aplicação das imagens Sapienciais é visivelmente eucarística :
"Vinde, comei do meu pão e bebei do vinho que eu preparei para vós";
"Meu fruto é melhór que o ouro"; etc.

(5) — Citação de Dom Raymond Trembly, "La Vierge et l' Eucharistie dans la liturgie occidentale", in "Marie et l' Eucharistie", cit., p. 128.

Nas Liturgias Orientais o motivo é ainda mais claro e mais freqüente. Na Missa de S. João Crisóstomo, por exemplo, ao ser feita a preparação da matéria para o Sacrifício (prótese), o padre, depois de preparar o pão (prosfora) que será consagrado, toma outro páo, que figura Maria, e diz :

"Em honra e em memória de nossa bendita e gloriosíssima Mãe de Deus e sempre Virgem, Maria; por sua intercessão recebei, Senhor, esta oferta sôbre vosso altar celeste".

Depois, destacando uma partícula triangular e pondo-a à direita do pão que representa Cristo, diz o versículo do salmo 44:

"À vossa direita está a Rainha em vestes de ouro". (6).

Como observa o Cardeal Massimi (7), "êste rito pinta ao vivo a relação íntima de Maria com a Eucarístia: introduz Maria no sacrifício eucarístico, ficando êste recomendado à intercessão daquela que, em vestes régias, está ao lado de seu Filho".

E, durante o curso do Santo Sacrifício, repetidas vêzes a Mãe de Deus é invocada, sendo que depois da Consagração, o Côro, unindo-se à comemoração de Maria feita pelo celebrante enquanto incensa as sagradas espécies, prorrompe num hino de gratidão :

"Verdadeiramente é justo que vos felicitemos, Mãe de Deus, sempre bemaventurada e imaculada Mãe de nosso Deus.

Mais venerável que os Querubins e, sem contradição, mais gloriosa que os Serafins, vós que, sem perder a integridade, destes à luz o Verbo de Deus, vós que sois verdadeiramente Mãe de Deus, nós vos engrandecemos" (8).

Ainda no rito bizantino, no "Ofício da Santa Comunhão", 9 odes que se cantam à Eucaristia são intercaladas por estrofes marianas, com explícitas e profundas referências à relação que liga a Virgem ao Sacramento :

"Esposa bendita de Deus, terra fértil onde germinou sem cultivo a espiga e a salvação do mundo, julgai-me digno de a comer para que me salve".

"Ó tôda Santa, Mesa do Pão da vida descido do céu e que dá ao mundo uma vida nova, julgai-me digno de saboreá-lo com temor e dêle viver".

---

(6) — Apresentamos a tradução portuguesa segundo os textos editados em francês por F. Mercenier, "La prière des Eglises de rite byzantin" I,p.214.

(7) — "Perspectives sur les relations de Marie et de l Eucharistie", in "Marie et l Eucharistie", cit., p. 15.

(8) — Mercenier, op. cit., p. 241s.

"Rogai por mim, ó nossa Senhora, a Aquele que saiu de vosso ventre e tornai-me puro e imaculado, afim de que, depois de receber a pérola espiritual, seja eu santificado". Etc. (9).

Em diversas ocasiões a liturgia bizantina chama a Virgem "Urna do maná celeste", "Cálice do Vinho", "Tabernáculo do Sacrifício", "Mesa santa que serve o Pão da vida", "Mãe do Cordeiro pascoal", etc.

* * *

Êsse, em resumo, o dado litúrgico. Além dêle, poderíamos aduzir uma documentação não menos expressiva dos *escritos dos Padres e dos Santos*, principalmente no campo da espiritualidade. Limitar-nos-emos a uns poucos exemplos.

Um testemunho muito antigo é o que, com Laurentin (10), julgamos ver na Carta de Santo Inácio Mártir (+ 107) aos Romanos :

"Eu não me satisfaço com um alimento corruptível nem com os prazeres desta vida: é o pão de Deus que eu quero, que é a carne de Jesús Cristo da raça de Daví; e por bebida quero seu sangue, que é amor incorruptível".

Maria não é mencionada diretamente, mas é lembrando-se dEla que Inácio liga o Senhor à "raça de Daví", como se pode provar por outro texto seu (11) :

> "verdadeiramente da raça de Daví
> verdadeiramente nascido da Virgem".

Outro exemplo do 2.º século é-nos dado pela famosa inscrição ou epitáfio de Abércio, Bispo de Hierápolis, na Frígia Salutaris (+ 180). Pela beleza poética com que se encontram ali aludidas várias verdades cristãs, é chamada a "rainha das inscrições cristãs". Alí se lê :

"A fé me antecedia por tôda parte e em todo lugar me servia um Peixe grande de fonte imaculada, que uma Virgem pura apreendeu e que ela, possuidora de um vinho bom, distribuia aos amigos, misturado com pão, para que comessem perpètuamente" (12).

---

(9) — ibid., p. 290s.
(10) — Em "Marie et l' Eucharistie", cit., p. 59.
(11) — Smyrn. 1,1 (RJ 62).
(12) — Kirch, Ench. Fontium Historiae Ecclesiasticae, n. 133.

Muitos autores querem ver nêste trecho uma referência à Encarnação e à Eucaristia. Outros acham que a "Virgem" seja a Igreja. Outros, ainda, que seja a um tempo a Igreja e Maria. Na 1.ª (e na 3.ª) hipótese teríamos um testemunho assaz expressivo e antigo de uma espiritualidade mariano-eucarística.

Sto. Ambrósio (+ 397), grande contemplativo de Nossa Senhora, deixou-nos mais de uma reflexão sôbre o tema, onde já se delinêiam muitos desenvolvimentos da Alta Idade Média. Além de um texto de grande beleza em comentário ao Cântico dos cânticos (7,3), no qual lembra que no sêio da Virgem germinou o Grão de trigo destinado a saciar os homens (13), estabelece em seu "De Mysteriis" uma comparação entre a transubstanciação e o nascimento virginal de Cristo :

"...a Virgem gerou por exceção às leis da natureza. Ora, êste corpo que nós fazemos (executando o rito sacramental) tem por princípio uma Virgem. Porque vais tu procurar as leis (da natureza) no corpo de Cristo, se foi por exceção à ordem natural que nosso Senhor Jesus nasceu da Virgem! Seguramente, pois, o sacramento desta carne é a verdadeira carne do Cristo que foi crucificado e sepultado" (14).

Exemplos semelhantes encontraríamos ainda em outros Padres, como Sto. Hilário, Sto. Agostinho, S. João Damasceno, etc. (15).

Quando Berengário, no século XI, pretendeu que na Eucaristia está apenas uma "figura" ou "símbolo" de Cristo, o Concílio romano de 1079 impôs-lhe a seguinte profissão de fé :

"Eu, Berengário, crêio no coração e confesso pela bôca que o Pão e o vinho... são convertidos na verdadeira, própria e vivificante carne e no sangue de Jesús Cristo nosso Senhor e que depois da Consagracão está o verdadeiro Corpo de Cristo, nascido da Virgem Maria..." (16).

Desde então toma novo impulso a conotação mariana na teologia e na espiritualidade eucarísticas.

Os sacerdotes passam a ver em Maria, com um crescente fervor, o ideal de pureza a que são chamados aqueles "em cujas mãos o Cristo se encarna como no sêio de Maria", como

---

(13) — De institutione virginis, PL 16, 341s.

(14) — PL 16,424 B. Servimo-nos da tradução proposta por Laurentin, op. cit., p. 62.

(15) — Cf. Laurentin, op. cit., p 63.

(16) — DB 355.

dissera, ao que se julgava, Sto. Agostinho. S. Pedro Damião, S. Francisco de Assís, S. Boaventura exortam os clérigos à perfeição da castidade com apêlo ao mesmo motivo.

Com S. Boaventura, começa-se a acentuar a reflexão no papel de Maria *na celebração da Missa*. Nossa Senhora coopera na oferenda do sacrifício e na aplicação de seus efeitos:

"Aquele que quiser saborear a doçura do mel escondido no sacramento do altar deve estar sob o patrocínio da Bemaventurada Virgem... não se consegue o benefício (virtutem) dêste sacramento sem o patrocínio da Virgem. E por esta razão, o santo corpo que nos foi dado deve também ser oferecido por suas mãos; e por suas mãos deve ser recebido sob o sacramento que nos foi obtido (por Ela) e que nasceu de seu sêio" (17).

S. Alberto Magno, cuja contribuição ao estudo da "Corredenção" mariana foi tão grande, tem igualmente textos de interesse para o nosso assunto (18).

Dêsse tempo em diante, porém, é difícil selecionar alguns exemplos pois a abundância de material é sempre crescente.

No século passado o Bemaventurado Pedro Julião Eymard, fundador da Sociedade do Santíssimo Sacramento, deu um notável incremento a tão antiga e tradicional espiritualidade da Igreja. Foi o promotor do vocábulo "Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento". Grande apóstolo da Eucaristia, via na devoção a Maria a grande escola de uma vida plenamente eucarística.

* * *

Que pretendem significar tôdos êsses dados até aqui acumulados e nos quais perpassa indubitávelmente um autêntico sentimento da própria Igreja?

Tocamos então o *aspecto teológico* de nosso tema e para abordá-lo será preciso termos na lembrança, preliminarmente, as grandes teses marianas e eucarísticas da Teologia.

Das primeiras interessa-nos sôbretudo o princípio de que Maria foi a "digna Mãe do Salvador", Aquela cuja existência inteira fez eco à sua missão de gerar o Salvador, numa associação íntima e constante aos mistérios de seu Filho.

---

(17) — Sermo 3 de Corpore Christi, cit. por Laurentin, p. 70.

(18) — Cf. A. Piolanti, "Il Corpo mistico e le sue relazioni con l' Eucaristia in S. Alberto Magno", Roma 1939, pp. 117s.

Das segundas, tomaremos a tríplice perspectiva da Eucaristia como mistério da *presença* real do Cristo, como Seu *Sacrifício* e como seu grande *Sacramento* dado às almas.

É pelo confronto dêsses fundamentos que chegaremos a uma síntese da relação que liga a Virgem à Eucaristia.

Mãe do Cristo presente

Considerando inicialmente a Eucaristia como mistério da presença substancial do Cristo íntegro e total (19), é fácil ver que a ela Maria se une na base da mesma relação com que se unia a Jesús outrora: velado no Sacramento, é o mesmo Filho que ela gerou, nutriu e ofereceu no Templo e no Calvário. No Sacramento não está o Verbo sem sua natureza humana, mas com a carne e o sangue que assumiu de Maria. O Pão que desceu do sêio do Pai, antes de se dar a nós, passou pelo sêio de Maria, como um "fruto da Virgem" (20).

É o que se exprime no motete de S. Tomás de Aquino, que ainda hoje se canta e sempre se cantará às Bênçãos do Santíssimo Sacramento:

'Ave verum Corpus natum de Maria Virgine".

Do ponto de vista da presença real, pois, a Eucaristia é considerada um prolongamento da Encarnação e dela podemos dizer que é carne da carne de Maria. Não levaremos, porém, estas considerações ao exagêro de julgar que também esta se ache sacramentalmente presente sob as sagradas espécies do pão e do vinho. No Século XVII surgiu pela primeira vez, ao que parece, essa opinião entre alguns autores, que chegaram a propor a veneração, na Eucaristia, da carne de Maria juntamente com a de Cristo. A opinião foi censurada pelo Papa Bento XIV (21).

Não é física, mas sim moralmente, que a Santíssima Virgem está presente a êsse mistério. Moralmente, isto é, pelo conhecimento e pelo amor. Na visão beatífica, Maria *vê* (22) a presença de seu Filho na Hóstia dos nossos Taberná-

(19) — DB 876.

(20) — Expressão empregada pela primeira vez, ao que parece, por Clemente Alex., em Paedagogo 1,6.

(21) — Cf. Laurentin, op. cit., p. 73.

(22) — A visão beatífica lhe permite um olhar de penetração sôbrenatural no estado eucarístico de Jesús, de si invisível a qualquer ôlho corporeo ou à inteligência de qualquer creatura, pois, como diz S. Tomás, o modo de ser de Cristo nêsse sacramento é inteiramente sôbrenatural e visível sòmente às inteligências confortadas pela luz da glória (S. Th. III.ª, q 76, a 7).

culos. Sem deixar o Céu, está presente, assiste ao nosso culto de adoração, encabeça o nosso louvor ao Deus escondido. De fato, se como dizem os Santos Padres (23), os Anjos enchem, por seu culto, os Santuários onde está Jesús sacramentado, com muito mais razão a Rainha dos Anjos.

Diaconiza do Sacrifício de Cristo

Não é só ao mistério da "presença" que Maria se une, mas também ao da "atividade" eucarística. Ao Sacrifício da Missa assiste no mesmo espírito de caridade que teve junto à Cruz.

Sabemos que Maria não esteve no Calvário como uma expectadora passiva, mas ao contrário, na mais intensa e ativa das participações. Êsse ideal, que S. Paulo nos propõe, de possuirmos "os mesmos sentimentos que o Cristo Jesús" (24) e a encíclica "Mediador Dei" nos convida a realizar na Missa, Nossa Senhora viveu, em gráu eminente.

Ela, de fato, "inspirada por um desejo imenso de nos receber como filhos, oferece seu próprio Filho à justiça divina, morrendo com Êle, em seu coração, traspassada por uma espada de dor" (25). Mereceu assim o título de corredentora do gênero humano: "pela comunhão de dores e de angústias, entre a Mãe e o Filho, foi dado à augusta Virgem ser, junto a seu Filho único, a Medianeira e a Conciliadora de todo o mundo" (26).

É verdade que os teológos não são ainda unânimes na explicação dessa Corredenção (próxima) de Nossa Senhora.

Para uns, tratar-se-ia apenas de uma colaboração na *distribuição* aos homens das graças da Cruz já pressupostas (isto é, colaboração à Redenção subjetiva) (27).

Para outros, seria mais: concurso na própria *aquisição* da salvação dos homens (isto é, colaboração à Redenção objetiva) (28). Não, é evidente, no mesmo plano em que Cristo a adquiria, isto é, não por um mérito estrito ("de condigno"), mas por um mérito de conveniência ("de congruo"). Nem também de um modo paralelo ao Homem-Deus, mas subordi-

---

(23) — Citações em E. Boularand, S.J., "La Vierge et l' Eucharistie". Revue d'Ascetique et mystique 34 (1958) p. 374.

(24) — Fil 2,5.

(25) — Encíclica "Jucunda semper" de Leão XIII, 8 de setembreo de 1894.

(26) — Encíclica "Ad diem illum" de S. Pio X, 2 de fevereiro de 1904.

(27) — Assim pensam, por exemplo, Goossens, Lennerz, De La Taille, Congar, etc.

(28) — E' a opinião de Scheeben, Dillenschneider, Gagnebet, Nicolas, Journet, etc.

nado: em dependência de Cristo, por Êle, com Êle, nEle, Maria, já resgatada preservativamente por Seu Sangue de uma maneira singular ("speciali modo redempta"), foi convidada a associar-se, qual Nova Eva, à obra do Novo Adão no resgate dos demais filhos dos homens. Sem acrescentar um complemento de eficácia aos méritos de Jesús — o que seria absurdo, pois são méritos infinitos — *participou*, do modo mais íntimo possível, de Sua obra, trazendo-lhe com isto, por assim dizer, uma beleza especial, um "melius esse", para usarmos a linguagem escolástica. Como dizia o P. Nicolas, a Redenção, para atingir perfeitamente seu fim, tinha necessidade não apenas de que Deus se fizesse homem e morresse, mas ainda que associasse a mulher nessa Encarnação e nesse Sacrifício. Sem o mérito da Virgem dolorosa pareceria faltar algo à nossa Redenção, *pois êsse mérito* é precisamente o mais maravilhoso *efeito* dos méritos de Cristo. (29)

Não nos compete discutir aqui essas duas teorias, cuja divergência, aliás, é mais aparente que profunda (30). De um ou de outro modo salva-se a noção de que Maria é o "Aqueduto" de tôdas as graças, a Medianeira entre o Mediador e nós. Uma e outra aceitaria as imagens tradicionais pelas quais os Padres e escritores descrevem a universalidade de sua maternidade mística. Ambas poderiam subscrever, por exemplo, que Ela bebeu, antes de nós todos, o cálice da salvação para nô-lo apresentar em seguida; que o Cristo derramou seu Sangue inicialmente no coração de sua Mãe, para assim, como através de um canal, derramá-lo sôbre a humanidade; ou que a alma da Virgem, como diz S. Bernardo, "habitando" sòzinha o Corpo de Cristo depois que a dêle se retirara, recebeu tôda a fôrça da morte redentora no sangue e na água que jorravam do lado do Crucificado, a fim de, por essa fôrça, gerar a humanidade para uma vida nova (31).

Ora, se assim foi no Gólgota, como o será na Missa?

O Sacrifício eucarístico é, em substância, o mesmo da Cruz. Idêntico é o Sacerdote principal, idêntica a Vítima e só difere o modo da oblação, que na Missa é sacramental e incruento.

---

(29) — M.J. Nicolas, op, "Marie Corédemptrice", Revue Thomiste 46 (1946) p. 187. O grifo é nosso.

(30) — Ver o que, a respeito, dizem Nicolas, art. cit., e Journet, "L' Eglise du Verbe Incarné" II, p. 420.

(31) — Scheeben, "La Mère virginale du Sauveur" (trad. do livro 5.º da "Dogmatik"), Paris 1951, p. 192.

A Missa é uma atualização do Sacrifício da Cruz, para que tôdas as gerações se lhe possam incorporar, "entrar existencialmente, com tôda a sua fé e com todo seu amor, no drama da paixão onde seu lugar estava de antemão marcado" (32). Para que possam, como Maria no Calvário, oferecer a Vítima divina ao Pai e com esta se oferecer a si mesmos. Tal perpetuação da Cruz se torna possível porque a alma dêsse mistério, que foi a oblação de Cristo, não passou, mas permanece para sempre em Sua pessôa de ressuscitado, como permanecem as chagas.

Ora, Maria, que sabemos ter estado sempre associada a seu Filho em todos os seus mistérios, continua necessàriamente no Céu a unir-se, por sua vontade e por sua caridade, à oblação perpétua de Jesús Cristo, continúa a ser a grande representante da Igreja junto a Êle. A "diaconiza" do Calvário (Schaeben) é ainda a diaconiza de tôdas as Missas, assistindo ao Sacerdote principal na oblação do Cálice e depois na distribuição do alimento do Sacrifício, como veremos a seguir. É apoiada na "súplica" da Virgem que a nossa súplica se insere na do Sangue mais eloqüente que a de Abel (Heb 12,24). E por isto a Liturgia oriental diz que é "pela intercessão da gloriosíssima Theotókos que vós recebeis, ó Senhor, êste Sacrifício sôbre vosso altar celeste".

Medianeira do fruto do Sacrifício

Além da oblação ao Pai, a Eucaristia é Sacramento para os homens. É Hóstia que o Pai aceitou e que nos dá em alimento. Trata-se aquí da grande função de "mediação descendente" do Cristo-Sacerdote. O fruto da Cruz nos é distribuido.

Ora, já referimos ser ensinamento comum de nossa religião, que à Virgem cabe o ofício de Medianeira universal da distribuição das graças salvíficas. Mesmo os teologos que não aceitam ter Ela participado na aquisição das mesmas não Lhe negam essa função de distribuir, dispensar, interceder para que a Redenção desça efetivamente a cada um dos homens. Já é pelo "Fiat" dado à Encarnação, é Medianeira (33), mas principalmente o é desde que, no Calvário, mereceu, por sua caridade, tornar-se a dispensadora dos bens devidos à

(32) — C. Journet, "La Messe", Fribourg 1957, p. 96.
(33) — S. Th., III, 9. 27, a 5, ad 1.

morte de Jesús (34). Maria é então "aquela que traz consigo o Sacrifício" (35). A tradição, que a vê receber nos joêlhos o Corpo exânime de Jesús, encerra a idéia de ser Ela a "intendente do fruto do sacrifício" (36). Desde então seu ofício de Medianeira se atuará principalmente no atrair os homens à Sagrada Mesa e no obter do Cristo os máximos efeitos da Eucaristia nas almas. Como em Caná da Galiléia, lembra a Jesús que nós não temos o bom Vinho e apressa a Sua Hora de santificar as almas. Com razão os teólogos A chamaram "Mater Eucharistiae" (37). Com razão a Liturgia diz que é por Ela que comungamos o fruto da vida (38).

E aquí encerramos nosso artigo devendo omitir algumas questões que, embora difíceis, não deixariam de ser interessantes, como, por exemplo, um exame mais pormenorizado do episódio de Caná, a história de sua exegese, sua história na iconografia, onde aparece bem cêdo (nas Catacumbas) combinado ao milagre da multiplicação dos pães, etc. Deduzir-se-ia então qualquer dado referente à participação de Maria na própria instituição da Eucaristia? Sto. Irineu, num contexto obscuro, diz uma ocasião que Ela "se apressou (em Caná) ao admirável sinal do Vinho", quase censurando-A por ter querido antecipar a economia do "bom Vinho" a ser inaugurada sòmente com a Hora da Paixão. São questões difíceis, principalmente se se quer respeitar a objetividade dos dados e nada acrescentar-lhes de uma elaboração teológica posterior.

Do que expusemos, concluiríamos que, intimamente ligada à Encarnação e à Redenção, Maria está também estreitamente *unida* à Eucaristia, que prolonga, por assim dizer, êsses dois mistérios. Dessa *união* resulta que a maternidade universal da Virgem se atualiza para cada geração de cristãos, no decorrer dos tempos, essencialmente em função da Eucaristia. Da

---

(34) — Encíclica "Ad diem illum" de S. Pio X.
(35) — Scheeben, op. cit., p. 185.
(36) — Ibid., p. 192.
(37) — A expressão é de Gerson (+ 1429), cit. por Laurentin, op. cit., p. 72. A idéia, porém, é expressa de modo equivalente por grande número de teólogos anteriores: cf. Piolanti, ""Maria e il Corpo Mistico"", Roma 1957, p. 134.
(38) — "Per te fructum vitae communicavimus", Brev., Festa da Assunção. Ant. de Laudes.

Eucaristia como Sacrifício e como Sacramento. Da Eucaristia como Sacrifício, enquanto Maria é a Diaconiza que traz ao altar do Sumo Sacerdote a oferta de seu povo, afim de que esta se tinja com o sangue do Cordeiro e sôbreviva. Da Eucaristia como Sacramento, pois Maria sabe que se não comermos a carne do Filho do homem e se não bebermos o Seu Sangue não teremos a vida em nós (Jo 6,53): Ela intercede sempre para que todos os homens recebam, ao menos por desejo, o fruto da videira, e para que, depois de o terem recebido, permaneçam para sempre unidos como ramos ao tronco, dando também êles muito fruto (Jo 15,5).

Tudo isto é claro. O mais pequenino dos cristãos vê, num relance, quais sejam as relações entre a Virgem e a Eucaristia. Em qualquer de nós é espontânea uma pergunta como esta de Pedro de Cela († 1202):

"Deixaria a Mãe de aleitar aqueles que seu Filho veio salvar? Mais; poderia abster-se a Mãe de alimentar-nos com a abundância de seu leite de misericórdia, depois que seu Filho quís, por nós, exalar até o último suspiro?" (39).

D. Cirilo Folch Gomes O.S.B.

A SEMANA GREGORIANA

SERÁ

NA 2.ª QUINZENA DE JULHO

do dia 16 a 26 no

RIO DE JANEIRO

LOCAL: Colégio Sion — Rua Cosme Velho, 98 — Laranjeiras

(39) — Sermo 74, De Assumptione B.M.V.; PL 202,868.

O TEMA

do convite ao "cântico novo" é freqüente no Saltério e serve de início a dois salmos: ao 97 "Cantai ao Senhor um cântico novo porque Êle realizou "maravilhas" e ao 95: "Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor tôdas as terras". Não só, porém, pela semelhança do início merecem êsses dois salmos serem aproximados e estudados juntos (1), mas porque são estruturalmente idênticos, são, de fato, salmos gêmeos, oriundos de um mesmo ambiente, destinados a uma mesma finalidade, usando as mesmas imagens, ainda que dois cânticos realmente distintos, duas obras poéticas diversas, cada uma com sua beleza própria. O salmo 95 que passaremos a considerar, pertence, como o 97, à família dos salmos da realeza de Javé. É um hino à sua dominação, ao seu poder, ao seu reino, ao seu govêrno de justiça. Os salmos dessa família tem algumas características próprias ditadas talvez pelo uso da festa litúrgica a que por ventura se destinavam: visam concreta ou metafòricamente a *entronização* de Deus como Rei de todos os povos (2). As notas características (3) a que acabamos de fazer referência podem encontrar-se mais ou menos representadas nêste ou naquele salmo da família. Há um primeiro elemento característico que é o *convite ao louvor*: "Cantai ao Senhor um cântico novo" (95; 97). Em segundo lugar há uma *apresentação do Rei*, sendo

1. O Salmo 97 já foi objeto de nosso estudo no número 32 (Março-Abril, 1959) da Revista Gregoriana, sob o título "Viram todos os confins da terra a Salvação..."
2. Sôbre os Salmos de "entronização" ou da "Realeza de Javé" ver a introdução ao Salmo 97 : "Viram todos os confins da terra a Salvação..." Revista Gregoriana 32.
3. Sôbre essas características, ver Drijvers : "Les Psaumes", Paris, 1958, p. 150-155.

"DIZEI ENTRE

O Senhor

descritas suas prandes qualidades, seu poder, seu domínio. Segue-se uma terceira nota que, às vezes mal se distinguirá da anterior, é a *manifestação de realeza de Javé* não só no seu domínio sôbre a criação que lhe saiu das mãos mas principalmente na realidade messiânica de uma redenção de tôda a criatura, como lemos naquele: "Viram todos os confins da terra a Salvação" (S1.97,3) ou: "Manifestou o Senhor sua Salvação, diante dos povos revelou sua justiça" (S1.97,2). A quarta característica reside naquele grito de vitória ou domínio que no meio do salmo é lançado como uma senha conhecida e esperada: *"O Senhor é Rei"* ou *"O Senhor reina"*. Esta característica evidentemente dá a marca mais forte de significação a todo o Salmo de vez que êle fundamentalmente se propõe proclamar entre todos os povos essa realidade definitiva e salvadora: Javé é Rei, é Deus que reina sôbre o mundo, que o governa com aquela justiça desejada ardorosamente pelos homens. Essa verdade fundamental da mensagem dos salmos de realeza de Javé deve ser completada, em sua proclamação, por duas últimas notas características. Uma é a de *universalidade*. O Reino de Javé não é algo limitado e restrito a um só povo, por maior que êste seja. É o reino de todos os povos, de tôdas as nações, vivendo sob o pacífico domínio da eqüidade divina. Mais, não só os povos, não só o aglomerado de criaturas racionais recebe essa soberania de justiça, mas tôda a criação, os mares e as montanhas; os rios, as florestas, os campos se unem num mesmo culto, num mesmo louvor, pleno dos mais ricos matizes, dessa espécie de "música concreta", da qual é mestra a natureza. Ora, essa universalidade se não quiser ser entendida num sentido real, sim, mas por demais abstrato, velado e escondido, como para muitos era e é velada a Divindade do Cristo no tempo em que viveu entre os homens como homem e vive entre as nações no seu Corpo

AS NAÇÕES:

é REI"

Místico, a universalidade, se quiser ser entendida como coisa realizada, plena e patente aos olhos humanos, deverá estar ligada a uma outra nota, a nota *escatológica*. O salmo canta antecipadamente "o dia do Senhor", êle vive a realidade futura da visão definitiva das coisas, em uma fisionomia transfigurada que não pertence mais às contingências e flutuações do tempo que corre, mas já se encontra nos átrios da eternidade.

Tôdas essas notas características podem ser encontradas, com maior ou menor desenvolvimento em nosso salmo 95 que, visto à luz dêsses diversos aspectos, transbordará mais exuberante ainda da inteligência cristã para exprimir em cântico, e em cântico novo a grande e universal realidade do Cristo, Filho de Deus, Filho do Homem, Rei dos Reis, "Cristo ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa e Omega, de Quem são os tempos e séculos, a Êle a Glória e o Império por todos os séculos da eternidade Amém." (4)

DIVISÃO DO SALMO 95

Admite o Salmo 95 uma dupla divisão, segundo critérios diversos. Quanto aos assuntos tratados, o salmo pode ser dividido em quatro partes:

A — v. 1-3 **Convite a cantar um cântico novo, a celebrar a salvação realizada pelo Senhor.**

B — v. 4-6 **Apresentação do Rei: supremacia e majestade do Senhor, o que constitui a motivação do louvor dêste salmo.**

C — v. 7-10 **Novos convites dirigidos aos povos para darem glória ao nome do Senhor.**

D — v. 11-13 **Alegria universal, da natureza e dos homens, por causa do domínio do Senhor e de seu govêrno de eqüidade.**

4. Ver o Rito da Bênção do Círio na Vigília Pascal. Ver também Ap. I, 6-8.

Uma outra divisão é apresentada pela própria disposição dos versículos do salmo, em vista do canto. Sob êsse aspecto, os treze versículos do salmo 95 se dividem em sete tercetos e duas quadras finais. A numeração dos tercetos e das duas quadras acompanham a tradução em algarismos romanos, ao lado dos números dos versículos.

A — convite a cantar um cântico novo v. 1-3

I. 1. **Cantai ao Senhor um cântico novo**
cantai ao Senhor tôdas as terras.
2. **Cantai ao Senhor e bendizei seu nome**
II. **anunciai dia a dia a sua Salvação.**
3. **Proclamai entre as nações a sua glória**
a todos os povos as suas maravilhas.

No original hebraico, e portanto na nova tradução latina, o Salmo 95 aparece sem título e sem nome do autor. Entretanto a tradução grega dos Setenta e a Vulgata latina o atribuem a Daví e indicam um certo título de ocasião: "Cântico de Daví quando a casa (o templo) era edificado depois do cativeiro". Quanto à atribuição a Daví, fundamenta-se ela no fato de que o livro I.º das Crônicas (I.º dos Paralipômenos) descrevendo o culto da arca da Aliança levada para Jerusalém, culto dirigido por Daví que nomeia Asaf e seus irmãos para celebrarem o Senhor, transcreve integralmente o salmo 95 (5), insinuando pois que o mesmo seja de Daví. Êsse testemunho das Crônicas, porém, é dado em tempo que já testemunhava uma segunda aplicação do mesmo salmo à edificação do templo depois do cativeiro. O pequeno acréscimo que sofre o salmo na citação do livro das Crônicas (16,35) justifica essa asserção, pois se refere a uma situação que só foi real posteriormente: "Salvai-nos, ó Deus, e retirai-nos do meio das nações". O fato de ser atribuído a Daví e quando se edificava o templo depois do cativeiro, dados entre si disconexos, obrigou os Santos Padres a recorrerem, aliás de boa vontade o faziam, as explicações espirituais dessa construção do templo depois do cativeiro, idéia de muito fecundas aplicações, como já à primeira vista se poderá advinhar. Não sendo entretanto êste título original, deixamo-lo sem outras referências.

O "cântico novo" à testa de um salmo que usa uma forma nova de disposição dos versos com tercetos, poderia ser inter-

5. I.º das Crônicas, 16, 23-33.

pretado como referindo-se a esta forma exterior. Há entretanto um pensamento original, mais importante e também mais novo que qualquer nova forma: é o convite a tôdas as terras para louvarem a Deus. A novidade do Cristo renova tôda a terra. O Cristo nasce, novo homem, nunca visto, homem-Deus. E traz uma nova vida aos homens, que começa com um nascimento, um renascer na novidade da vida pura e imaculada do Cristo. O batismo é a nova vida no Cristo que abre o coração para um cântico novo. Mesmo que a voz não vibre, a dileção e o amor são um cântico novo que unem no espírito o novo homem ao Deus eterno.

Todo o primeiro terceto começa com o "cantai ao senhor", cantar ao Cristo é cantar à Trindade o que convenientemente se exprime por um tríplice convite, de repetição aliás suave, pois não pode haver tédio no cantar êsse nome no qual, por mais ardoroso que seja o afeto, sempre haverá com que saciá-lo (6). "Tôdas as terras" são convidadas a cantar ao Senhor. O plural indica a universalidade e também que a terra não é entendida apenas em seu sentido telúrico ou material, mas como síntese de tôdas as criaturas que nela habitam. O cântico novo é um cântico de ação de graças, de bênção pela grandeza e poder infinito de Deus; em suma pelo seu *nome*. Em hebraico, com efeito, faltando os têrmos matafísicos que exprimem a essência de um ser e seus atributos, é tudo isso sintetizado no Nome que o ser possui. Cantar graças a Deus considerado em sua íntima natureza é bendizer o seu nome.

O segundo terceto (II) se inicia com a segunda parte do v. 2. Se a universalidade de terra já foi convidada ao louvor, é agora uma idéia de continuidade que se quer exprimir naquele "dia a dia" em que a própria salvação é anunciada. A expressão "dia a dia" muito sugere à espiritualidade dos antigos Padres da Igreja. Assim S. Jerônimo: dia a dia significa simplesmente um dia depois do outro; louvaste hoje, louva também amanhã, é a perenidade do louvor. Mas não é só, quem louva sempre, não louva só de dia, louva de dia e de noite, dia e noite, como o faziam e fazem os monges. Se o salmista só fala de um louvor diurno é que outra coisa ainda quer exprimir. O louvor cristão será sempre na luz das virtudes e não nas trevas do pecado; quando quer que louves o Senhor, sempre em tua alma nasça o sol do Cristo, sempre surja em ti uma luz nova que transbordará em cântico novo.

6. Cassiodorus "Expositio Psalmorum" Corpus Christianorum" Series Latina XCVIII, Brepols, Turnholti, 1958, II, p. 862.

Há mais ainda: um dia e outro anunciam o Cristo, dois grandes dias, duas grandes luzes o anunciam: o Antigo e o Novo Testamento; em ambos brilha o Cristo; um dia após outro, dia a dia (7). Vemos a grande fecundidade de idéias que podem surgir na aplicação de um verso da Sagrada Escritura, na interpretação espiritual que lhe davam os Padres antigos, os místicos de todos os tempos. A interpretação mística nos leva a considerar as palavras do salmo. *Dia a dia,* sem cessar, enquanto o mundo fôr mundo, a *salvação* que é a obra redentora do Cristo, será *anunciada.* Êste anunciar é o verbo hebraico *basar* que significa no freqüentativo: "propagar uma boa nova" é o verbo da evangelização, "evangelizai" diz a tradução grega. É pois o Cristo, como Salvação anunciada e prenunciada pelo Antigo Testamento, testemunhada como plena realidade pelo Novo, o objeto dêsse louvor permanente e dessa proclamação a todo universo. Anunciar permanentemente a salvação do Cristo eis a missão evangelizadora e pastoral da Igreja, contra a qual não haverá fôrça do mal que possa prevalecer, até a consumação dos séculos. A evangelização da Igreja é proclamação, entre as nações, da glória de Deus, isto é, do conhecimento de Deus com o louvor conseqüente que o mesmo conhecimento fará espontâneamente brotar dos corações, isso por causa das *maravilhas* operadas pelo Senhor (v.3). Essas maravilhas resumem-se, além de tôda a obra criadora, numa extensão a todos os povos do reconhecimento de um Deus único que vem elevar todos os homens a um novo modo de vida, de conhecimento e de amor do Ser Supremo. Para a afetivação plena dessa vida divina entre os homens é preciso que sejam derrubados os ídolos, que não são mais que a deificação do próprio homem, tentada por suas mãos trêmulas e impotentes, para dar lugar ao domínio do Deus feito Homem, Senhor da vida e da morte. É êste Rei que será agora apresentado pelo Salmo.

B — Apresentação do Rei: Supremacia e Majestade do Senhor. v.4-6

III. 4. Pois é grande o Senhor e altamente digno de louvores
temível mais que todos os deuses.
5. Não são mais que nadas os deuses das nações
IV. O Senhor, em vez, criou os ceus.
6. Majestade e Beleza diante de sua face
Poder e esplendor enchem o seu Santuário.

7. Ver s. Hieronymi, "Tractatus in Psalmos" Corpus Christianorum Series Latina LXXVIII, Brepols, Turnholti, 1958. Tr de Psalmo XCV, p. 151.

Aí estão mais dois tercetos (III e IV) dividindo entre si os versículos 4, 5 e 6. Na apresentação do Rei, há quem pense em ligar as palavras do salmo a fatos históricos, como a destruição do império babilônico por Ciro ou a conquista da Ásia por Alexandre o Grande (8). Elas, entretanto ,transcendem êsses acontecimentos para dizerem de modo muito geral quem é o Deus que fez os Céus, que se identifica com a própria Beleza, que está cercado de Majestade e esplendor. Por isso é dito *temível* ou *terrível* (vulgata e S. Jerônimo) no sentido de *digno de adoração* em contraste com os deuses das nações — há um jôgo de palavras, no hebraico entre *elohim,* deus e os *elilim* que são "nadas" — deuses êsses que se pulverisam entre as mãos de seus adoradores, são ficções, vãs imaginações, verdadeiros nadas.

Em contraposição, Deus elohim é o Senhor que cria os céus. Não são entretanto os atributos mais especìficamente divinos: Santidade, eternidade, imensidão, que vêm aqui mencionados, mas os atributos de rei em seu trono — em seu santuário — que é aquêle mesmo céu criado do nada por seu Poder. Os deuses se multiplicam segundo as diversas nações pagãs, multiplicam-se segundo a vã idolatria dos homens que os criam e os colocam nos céus. O Deus que é o Senhor e único, se Êle está circundado de poder no alto dos céus, não foi ali posto pelos homens. Êle criou os céus, Êle criou os homens, que, diante de seu domínio de Majestade e Beleza, devem cantar um cântico novo, devem tributar-lhe honra e glória. É o que se dirá em seguida.

C — Novos Convites para que honra e glória sejam dados ao Senhor. V. 7-10.

V. 7. **Rendei ao Senhor, famílias de povos.**
Rendei ao Senhor honra e glória
8 **Rendei ao Senhor a glória devida a seu nome.**

VI **Oferecei sacrifícios, ingressai em seus átrios**
9 **Adorai o Senhor com vestes sagradas**
Diante dÊle tremei terra inteira.

VIII. 10. **Dizei entre as nações: "O Senhor reina!"**
Êle estabeleceu firmemente o mundo para que não vacile,
E governa os povos com eqüidade.

O quinto terceto, exatamente como o primeiro, admite uma tríplice repetição, agora convidando para que sejam

8. Ver "Les Psaumes" Pannier-Renard em "La Sainte Bible" Pirot--Clamer. t. V. Paris. 1950. p. 519.

dadas honra e glória ao Senhor, ou, seguindo idêntico sentido, ao seu nome. Os convidados são os homens de tôdas as raças e de tôdas as línguas., a humanidade inteira criada à imagem e semelhança de Deus e redimida, tôda ela, pelo sangue generoso do Filho. A Trindade é visada nêste tríplice louvor, diz Cassiodoro, sem deixar de reconhecer a repetição como figura literária que se chama "epimone" que, quer para louvar, quer para vituperar, quando convenientemente empregada adqüire grande fôrça de persuasão (9). Honra e glória devem ser tributados a Deus. Deus é glorificado quando do modo de viver dos fiéis nasce para Êle um louvor, segundo a palavra do Evangelho: "De tal modo resplandeça vossa luz diante dos homens, que êstes vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt. 5:16). Honra é dada ao Senhor, explica o mesmo Cassiodoro, quando damos a Deus graças por causa de seus próprios dons e quando tendo recebido algo de bem, estamos prontos a proclamar que dÊle o recebemos (10).

O tributo de honra e glória se concretiza exteriormente e ritualmente no oferecimento do sacrifício apresentado nos átrios sagrados. É preciso antes de tudo o sacrifício interno de louvor e adoração, depois o ingresso nos átrios com o oferecimento dos dons, o revestimento das vestes sagradas e o prosternar-se diante do Senhor. Ao mesmo tempo, tôda a terra é convidada a tremer, numa verdadeira dança ritual, segundo a interpretação de alguns. É entretanto bem mais que um tremor ritual aquêle que acompanha a proclamação definitiva a todos os povos que "o Senhor reina". É êste o ponto culminante do Salmo da realeza de Javé. Que isso seja proclamado diante dos povos é motivo para que a terra se abale e trema, como se diz no verso anterior; que o conteúdo dessa proclamação: "o Senhor é rei, ou tornou-se Rei" seja uma realidade conquistada definitivamente e firmada para sempre eis o motivo de uma estabilidade nova para tôda a criação, para a terra dos homens que como sêres racionais aspiram pela justificação, pelo julgamento com eqüidade, como se exprime o salmo no verso que segue a grande proclamação. "O Senhor reina", eis a mensagem aos povos, a boa nova a ser anunciada, o evangelho da reconciliação, da vitória, da paz. O Senhor é feito Rei quando nasce

9. "Magnam vim exagerationis accumulat". Exp. in Ps. XCV. Obra citada, p. 862.
10. Exp. in Ps. XCV. Obra citada p. 865

da Virgem, quando sobe ao trono da Cruz e derrama seu sangue inocente. Trema a terra. É misterioso que um ou outro manuscrito — não os mais antigos — do nosso salmo tenha acrescentado à proclamação: "O Senhor reinou" o seguinte: "do alto da árvore", referindo-se claramente à cruz. S. Justino, em pleno século II.º, reclama que os judeus tenham expurgado o texto do salmo dessa referência à cruz. Sabe-se entretanto que a inclusão da referência no verso do salmo é que terá sido uma intromissão indébita de uma glosa marginal feita por mãos piedosas (11). Seja como fôr, a realidade supera e completa a profecia. O Senhor de fato reina pelo lenho da Cruz. Ali está seu trono e o caminho da grande vitória sôbre a morte, pois se esta veio pelo lenho, também pelo lenho da vida foi morta e destruída. O poeta Fortunato, autor do magnífico hino da Paixão: "Vexilla Regis prodeunt" não duvida em citar Davi como autor do nosso salmo, e com o acréscimo do reino "pelo lenho":

"Impleta sunt quae concinit
David fideli carmine
Dicens: In nationibus
Regnavit a ligno Deus." (12)

D — Alegria universal da natureza e dos homens. V. 11-13.

VIII 11 **Alegrem-se os céus e exulte a terra**
rebôe o mar e tudo que contém

12 **Rejubilem-se os campos e tudo o que ha nêles.**
Sim, alegrem-se tôdas as árvores das florestas.

IX 13 **Diante da face do Senhor, pois eis que vem.**
Vem para julgar a terra.

Julgar o mundo com justiça
e os povos segundo sua fidelidade.

Cessam com o v. 10 os tercetos e encerra-se o Salmo com duas quadras que numeramos VIII e IX.

Como em tantos outros e principalmente como no Salmo gêmeo dêste, o 97 (13), encontramos aqui o convite ao louvor dirigido à própria natureza em seus elementos mais

11. Ver Pannier-Renard: "Les Psaumes" obra cit. p. 521.
12. "Realizou-se aquilo que Davi cantou em veraz cântico, dizendo: para vós nações, Deus reinou pelo lenho".
13. Ver o comentário dos últimos versículos do Salmo 97 na Revista Gregoriana 32, Março-Abril de 1959.

representativos. Os antigos Padres não deixavam de ver uma significação simbólica e de sentido moral para cada um dêsses elementos: os céus: os anjos e santos; a terra: os homens; o mar: o mundo com suas mundanas flutuações, os campos: os justos, os mansos, os que vivem sem altos e baixos na sinceridade da planície; as árvores das florestas: os pagãos rudes e ainda não banhados pela luz da verdade. É mais espontâneo e natural entretanto, se entendemos os elementos citados, como representantes de tôda a criação diante da justiça e da ordem restituída pela salvação operada pelo Rei e que é comunicada a todos os povos, a cada homem que, pelo fato de nascer, traz em si a marca da queda, da subversão, da desordem que atingiu tôda a criação numa solidariedade impressionante. Sôa agora um evangelho de Paz pela restituição da justiça. O Senhor é feito Rei e virá reger a terra com justiça, virá governá-la e julgá-la. A obra da Justiça é a Paz, e os homens se alegram com a Paz, a própria natureza se rejubila e canta. Quando nasce o Príncipe da Paz ou o "Rex pacificus", como canta de Jesus a liturgia de Natal, ecôam na Igreja do Cristo, na Igreja do testamento novo, do homem novo, do cântico novo, os rítmos vibrantes do Salmo 95. Três vêzes: cantai ao Senhor; três vêzes: rendei ao Senhor honra e Glória, pois o Senhor foi feito Rei. Reina pelo lenho, pelo lenho da mangedoura, pelo lenho do trabalho cotidiano, pelo lenho da Cruz; reina, e o seu reinar é um espargir de Justiça e Salvação para todos os povos. Evangelizai essa boa nova a tôdas as gentes para que O reconheçam e sejam por Êle reconhecidos no dia da entronização definitiva.

USO LITÚRGICO DO SALMO 95

O Salmo 95: "Cantate Domino" é, como acabamos de ver um hino à Glória de Deus apresentado como Rei e Juiz do universo. O reino do Cristo começa com seu nascimento e cresce para o Reino e julgamento exercido do alto da Cruz. A visão escatológica é inseparável da noção dêsse Reino. A Liturgia usa dêsse Salmo, em sua oração cantada, em diversas ocasiões.

1. Ofertório da 1.ª Missa do Natal: "Alegrem se os céus e exulte a terra... diante da face do Senhor, pois eis que Êle vem" (v.11 e 13). De fato o Senhor vem em Natal, e êsse é um motivo para que os céus e a terra se alegrem. Um quarto

modo muito tranqüilo, mas expressivo, dá relêvo musical a essas palavras, no quadro suave e meditativo da Noite de Natal.

2. Passando para o quadro Pascal, encontramos o 1.º versículo como Salmo do Introito "Venite" (7.º modo) da quarta-feira de Páscoa. Tem relêvo especial porém o Salmo 95 na comunhão do 5.º Domingo depois de páscoa que é também a Missa da Vigília da Ascensão: "Cantai ao Senhor, aleluia; cantai ao Senhor e bendizei seu nome: anunciai dia a dia a sua salvação, aleluia, aleluia" (v.1 e 2). Trata-se de um belo 2.º modo muito cantante, leve nos dois primeiros "Cantate", expressivo e mais apoiado no "bene muntiate", encerrado com dois melódicos aleluias.

3. A Comunhão do 18.º Domingo de Pentecostes: "Oferecei hóstias (sacrifício), ingressai nos seus átrios: adorai o Senhor em seu santuário" (v.8 e 9), texto que segundo a Vulgata é um tanto diferente do que apresentamos no comentário do Salmo. Êste que usa a vulgata, como vemos, apresenta um belo motivo eucarístico e de adoração, musicado num expressivo 4.º modo, principalmente nas palavras: "adorate Dominum".

4. O Introito e Ofertório da Missa do Mártir São Lourenço (10 de agôsto) tomam o v. 6 do Salmo 95 que assim passa a ser quase característico da festa do diácono romano. "Confessio et pulchritudo" diz a Vulgata, o que dá lugar a muitos comentários dos Padres entendendo a "confessio" como purificação dos pecados. Aplicados ao Mártir essas palavras entendem-se que a "confessio", têrmo clássico para o martírio, é o próprio testemunho sangrento, até a morte, que logo brilha diante do Senhor com incomparável beleza. É êste, com efeito, o ato mais semelhante ao do Cristo, é a adoração mais completa, a hóstia mais viva e preciosa que alguém pode oferecer nos átrios do Senhor, é o cântico novo e definitivo oferecido ao Senhor. No Introito, temos um 3.º modo que toma no verso o 1.º versículo do Salmo 95. No ofertório, um 4.º modo um tanto extático e contemplativo ornando as misteriosas palavras da Vulgata!: "*Confessio* e beleza diante de Sua face: Santidade e magnificiência em seu Santuário". O Mártir em sua "Confessio" e os que nos unimos a êle em seu ofertório, cantamos diante da face do Senhor sua majestade e esplendor.

5. Algumas das expressões do Salmo 95 têm uma ressonância pastoral e missionária assim como aquêle: "Proclamai (evangelizai) entre as nações a glória do Senhor, a

todos os povos as suas maravilhas. Pois é grande o Senhor e altamente digno de louvores; temível, mais que todos os deuses. Não são mais que nada os deuses das nações, o Senhor, em vez, criou os céus" (v. 3-5). Êstes e mais os versículos 7-9 que concluem as considerações anteriores com um convite ao Sacrifício e ao Oferecimento de hóstias são escolhidos respectivamente para o Tracto e Ofertório da Missa votiva da propagação da Fé.

Notação neumática e interpretação

A DESAGREGAÇÃO DO NEUMA

★

EXAME PALEOGRÁFICO

☆

(Continuação)

b) *A desagregação do "último" elemento gráfico do neuma.*

Veremos agora se o mesmo princípio da desagregação se aplica também quando o escriba destacou o último traço gráfico do neuma, que poderia ter sido conservado, ligado ao precedente.

Parece que êste processo gráfico deve ser observado, quando o grupo tem ao menos 4 notas e se apresenta com o seguinte desenho: *agudo, grave, agudo, agudo.* Êste desenho deve ser invariável, embora sua posição na escala musical não seja determinada a priori; e se o grupo pode variar e estar sujeito a todos os desenvolvimentos possíveis, os seus quatro últimos elementos devem sempre conservar o mesmo desenho melódico.

De início, verifica-se que êste caso de desagregação é restrito e muito menos rico que o primeiro; e para formular-lhe a lei, é necessário encerrá-lo dentro de certos limites.

1) *Exame preliminar de variação gráfica.*

Para compreender o valor do princípio da desagregação, estudemos primeiro os diferentes processos para escrever-se êste grupo de 4 notas. Examinaremos com precisão a possibilidade dos diversos traços melódico-rítmicos em sua essência, deixando de lado tôdas as expressões gráficas especiais, como sejam oriscus e a adjunção de episema.

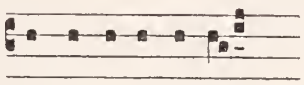
O desenho melódico de 4 notas (*agudo, grave, agudo, agudo*), conforme os hábitos da notação sangaliana, não pode ser escrito de uma só tirada. Afastemos antes de tudo, a grafia que começa por isolar a primeira nota, porque seríamos levados a considerá-la como um caso de desagregação inicial, tal que já vimos. Para evitar esta desagregação e a significação particular que lhe é atribuida, o escriba fica obrigado a reunir as duas primeiras notas, traçando, assim, uma clivis. Pode-se ligar uma virga a esta clivis, formando assim um porrectus. Mas depois dêstes traços fica-se forçado a separar a quarta nota, por ser ela melòdicamente mais alta. Existe todavia, outra solução: depois da clivis (as 2 primeiras notas do grupo), pode-se traçar um podatus (as 2 notas ascendentes que falta escrever). Em si, êstes dois processos de escrita, os únicos levados aqui em consideração, têm valor igual no que diz respeito à união ou à divisão gráfica. Com efeito, nêstes dois casos, tem-se sempre dois elementos separados, ou 3+1, ou 2+2. Portanto, pode-se dizer que em todos os dois casos existe desagregação.

Esta dupla possibilidade de escrita para as duas notas terminais se traduz por duas grafias diferentes que, efetivamente, foram empregadas pelos escribas: nisto está um fato que se liga ao princípio geral da desagregação. Deve-se pois estudar êste caso do último elemento gráfico, à luz da comparação de diversos casos entre si e de diversos manuscritos entre si, para se concluir se houve uma intenção especial no emprêgo de tal ou tal grafia.

2) *Testemunho trazido pela comparação dos manuscritos.*

Deixemos ainda mais uma vez os manuscritos falarem por si mesmos: êles nos explicarão seus próprios hábitos e suas próprias normas caligráficas.

No versículo do gradual *Justorum animae*, na sílaba final de *insipientium*, ainda encontramos o desenho melódico de 4 notas:

Grad. Justórum.	
	in-si- pi- énti- um.
S. Gall 339.	
Einsiedeln 121.	
S. Gall 359, 340, 375, 376.	
Bamberg lit. 6.	
Chartres 47.	
Laon 239.	
Verceil 186.	

O manuscrito 339 de Saint-Gall o traduz pela *clivis+podatus* longo (liqüescente por causa do texto). Einsiedeln 121 faz o mesmo. Os manuscritos de Saint-Gall 359, 340, 375, 376 escrevem, pelo contrário, um porrectus seguido de uma virga (liqüescente). O mesmo fazem Bamberg lit. 6 e Chartres 47.

Devemos, pois, reter na memória um primeiro fato bem nítido: a decomposição em 3+1 está traduzida equivalentemente por 2+2, porém, com um podatus longo, isto é, com uma importância especial dada ao penúltimo elemento. O fato vem confirmado de modo indiscutível por Laon 239, que põe o *augete* em cima da penúltima nota. Aqui, a decomposição tem uma significação precisa: a interrupção do traço gráfico possue em si mesmo sua explicação. E o valor de Laon 239 é tanto maior quanto a justificação que lhe segue. Verceil 186, em notação de Metz, exprime a mesma coisa.

Êste caso especial de desagregação não é tão freqüente no repertório do Gradual. Temos, portanto, de encontrar exemplos que excluam a coincidência fortúita dos sinais, e

corroboram dêste modo com o exemplo analisado na palavra *insipientium* do gradual *Justorum*.

Êstes exemplos serão encontrados nos graduais do 2.º modo; são êles prova irrefutável do valor dêste caso preciso de decomposição.

Quando nestas peças o primeiro inciso termina com uma palavra paroxítona (e não uma palavra proparoxítona, ou oxítona, ou numa crase), nossa forma melódica sempre se apresenta com um sentido muito definido. Contamos 10 exemplos, isto é, os seguintes graduais:

1. Ab occultis *mei*s
2. A summo c*a*elo
3. Angelis *su*is
4. Dispersit *de*dit
5. Domine Deus vir*tu*tum
6. Exultabunt *san*cti
7. Hodie sci*etis*
8. Justus ut palma flo*re*bit
9. In omnem *ter*ram
10. Tollite *por*tas

Na última sílaba do primeiro inciso, que acabamos de citar por extenso, os manuscritos dão o testemunho seguinte para cada um dêstes graduais (os números correspondem à ordem de enumeração dos graduais):

Cod.	1	2	3	4	5
S. Gall 359					
Einsied. 121			c		
Bamberg lit. 6					sic
S. Gall 339					
Laon 239			—	—	
Chartres 47					

P. L. A G U S T O N I

Cod.	6	7	8	9	10
S. Gall 359					
Einsied. 121					
Bamberg lit. 6					
S. Gall 339					
Laon 239			—		
Chartres 47					

Note-se nêste quadro comparativo que, infalìvelmente todos os casos estão notados com a fórmula gráfica 3+1. O manuscrito 359 leva 6 episemas absolutamente certos, na 3.ª nota. Einsideln 121 indica uma vez o *tenete* na 3.ª nota. (Bamberg lit. 6 esquece uma vez a virga final: é bem possível que foi por distração). Saint-Gall 339 marca 4 episemas prováveis, na 3.ª nota. Laon 239 indica 2 *augete* e 3 *tenete*, sempre nesta mesma nota (leve-se em conta, além disso, as 3 falhas do manuscrito). Não acrescentaremos outros manuscritos: a estatística não se modificaria por isso.

A importância da terceira nota é evidente. E, como se trata sempre da mesma fórmula, não se pode pensar que ela se executaria diferentemente, caso recebesse ou não uma indicação suplementar — letra ou episema. Os antigos, principalmente na época dos manuscritos não diastemáticos, conheciam as fórmulas melhor que nós. Conclui-se disto que era então indiferente escrever indicações suplementares que se acrescentavam ao valor rítmico já contido na própria grafia do neuma: com certeza isto dependia do contexto, das circunstâncias. O copista acrescentava uma indicação especial. para salientar o modo de execução, ou porque o contexto

podia induzir em êrro (1), ou porque o côro não observava nêste lugar a execução devida.

Não queremos dar outra estatística. Mas poder-se-ia apresentar ainda os versículos dos Alleluia do 8.º modo: antes da conclusão da fórmula inicial do versículo encontra-se o mesmo neuma. A comparação se faz entre os textos seguintes:

1. Dominus dixit *ad* me
2. Dominus in Sina in in *san*cto
3. Dominus re*gna*vit (exsulte)
4. Haec *die*s
5. In resurrectione tua, *Christe*
6. Specie *tua*

Obtemos o mesmo resultado: mesma grafia; mesma proporção e variedade nas adjunções suplementares de execução; mesma fidelidade(salvo Einsiedeln 121 que, em *Dominus regnavit*, escreve um *franculus*).

Mas o que ainda é mais uma prova e completa assim o conjunto dos fatos paleográficos sôbre o caso, é a contraparte: o grupo grafado 2+2. Tem-se então uma *clivis + pes rotundus*, às vêzes com o acréscimo *celeriter* na clivis inicial: e isto indica que todo o grupo é leve. Os casos são freqüentes; não se faz necessário estabelecer uma estatística. São fàcilmente encontrados nos *tractus do* 8.º *Modo*, sem se falar nos exemplos encontrados nas peças não formulares.

---

(1) Esta hipótese não pode, a meu ver, aplicar-se ao exemplo que acabamos de estudar, visto como se trata de uma fórmula exatamente reproduzida em todos os graduais citados. Todavia, deve-se notar, os dois **augete** de Laon 239 (colunas 6 e 9) são lidos em duas peças que constituem uma exceção por causa do seu contexto subseqüente, enquanto as oito outras utilizam, depois de nessa cadência a fórmula comum: (LA) DO-LA DO-RE-MI; sòmente os dois graduais **Exultabunt** (coluna 6) e **In omnem terram** (coluna 9) têm outra fórmula: DO-DO RE-MI-RE-DO. Não pretendemos ver nesta diferença de contexto uma imposição de variedade nova para o nosso neuma — **augete** e **tenete** têm aqui pràticamente o mesmo valor. — mas sim verificar como aparentes anomalias podem ser mais ou menos explicadas completamente por meio de comparações cuidadosas

Baste-nos citar no versículo "Et torcular... vinea *enim*, "do tractus "Vinea facta est":

Tract. *Vínea*. VIII.	e- nim
S. Gall 339, 340, 375, 376. Eins. 121. — Bamb. lit. 6.	
S. Gall 359.	
Chartres 47.	
Laon 239.	
Verceil 186.	
Milan E 68 Sup.	

Encontram-se, grupados juntos, os manuscritos da família sangaliana (Saint-Gall 339, 340, 375, 376; Einiedeln 121; Bamberg lit. 6), que trazem todos a mesma grafia. Saint Gall 359 (um dos mais preciosos) traz o *celeriter*. Chartres 47 tem a mesma grafia. Mas a família Messina (de Metz), com Laon 239, Verceil 186 e Milão E 68 Sup., realiza gràficamente a reunião que a escrita sangaliana não pode fazer (2).

Não se pode mostrar com mais clareza que a continuidade do sinal gráfico traduz a unidade do neuma, afastando tôda idéia de subdivisão.

---

(2) Existe, pois, uma escola de notação — a messina — em que a palavra "desagregação" toma todo seu valor, visto como a separação da última nota do neuma aí se opõe, de fato, à forma completamente ligada.

(*Continua*)

Falando de Liturgia

Participação litúrgica na Missa rezada

Um dos pontos de mais decisiva atuação na Igreja, nos ultimos tempos, em matéria litúrgica, tem sido a de incrementar uma maior participação do povo no ato litúrgico central da vida cristã, qual seja o da celebração da Santa Missa. É evidente que quando falamos em participação do povo e em celebração da Santa Missa não estamos querendo fazer definições teológicas sôbre a essência do Sacrifício, nem querendo ligá-lo essencialmente à presença dos fiéis. Mas é certo que o povo cristão precisa aproximar-se, compreender e participar dêsse Sacrifício que é para êle fonte de salvação, pois de outra forma acentuar-se-á cada vez mais a distância entre Deus e os homens por não serem êstes mais atingidos pelos instrumentos físicos escolhidos por Deus para transmitir-lhes sua Graça salvífica. Ora, a Missa não participada tende a ser uma Missa desconhecida, ignorada e portanto, não vivida e afinal abandonada. O que isso pode significar para cada cristão é algo de incomensurável.

A Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos sôbre a Missa Sacra e a Sagrada Liturgia não deixa dúvidas quanto às suas intenções de não admitir que se continue a celebrar Missas diante de um grupo de fiéis totalmente ausentes do que se está passando. A participação é prescrita, ela poderá ser em mínimo grau, ninguém é obrigado ao impossível: a começar no grau máximo de perfeição, mas ao mínimo todos são obrigados e a um mínimo que tende a crescer, pois não se concebe um princípio de aproximação dêsse mistério exuberante de salvação sem se querer mais haurir de suas riquezas.

A nova Instrução da S. C. dos Ritos, que já caminha para seu primeiro aniversário, será nos próximos anos da vida da Igreja uma norma de fecundíssima renovação. Não

deixaremos de falar nela. Em numero próximo a publicaremos integralmente com algumas notas inspiradas nos últimos comentários aparecidos.

Hoje nos ocorre salientar a importância da participação do povo na Missa rezada. Temos expressa na Instrução a intenção decidida da Igreja de resolver êsse problema, temos ainda a norma prática que orientará a ação do pastor de almas, segundo os diversos gráus de participação. Para mais salientar a oportunidade e urgência dessas disposições encontramos em ponderado artigo de Monsenhor Joaquim Nabuco alguns exemplos curiosos de como é entendido por alguns elementos do próprio clero e por alguns fiéis o ato central da vida cristã: o Sacrifício da Missa.

Em seu artigo: "The Liturgical Revival and Low Mass", publicado em Liturgical Arts (v. 37, Nov. 1958, p. 19-21) fala-nos o conhecido liturgista da necessidade e das tentativas de se chegar a uma Missa rezada verdadeiramente pastoral. De um lado, há sim a Missa cantada, mas esta nem sempre é accessível a um público mais numeroso. É preciso que a propria Missa rezada seja seguida de perto pelos fiéis. A Instrução sôbre Música Sacra em suas diversas disposições mostra como eram oportunas as observações do autor e mais, como era prudente sua advertência de que, seja como fôr, a matéria litúrgica é uma "causa maior", isto é, ninguém, seja quem fôr, se poderá aventurar a fazer reformas, a introduzir costumes por mais razoáveis que pareçam, numa matéria que a Santa Sé reservou exclusivamente para si. Agir de outro modo é querer salvar alguma coisa destruindo algo de mais precioso, como seja a sagrada unidade entre hierarquia e pastoral litúrgica, pois esta "ou será hierárquica ou não será nem católica nem apostólica" mas protestante ou coisa equivalente. As palavras dêstes artigo que diziam do interêsse da Congregação dos Ritos e pessoalmente do Santo Padre Pio XII em promover uma liturgia viva, pastoral, orgânica e autêntica tiveram plena confirmação, ainda aqui, na referida Instrução.

Há uma parte muito interessante no artigo de Monsenhor Nabuco em que êste narra alguns fatos que presenciou em suas viagens de observador litúrgico, como êle mesmo se chama. Diga-se de passagem que nosso Protonotário Apostólico, comemorando agora 40 anos de pároco da Paróquia de Santa Teresa, dedicou tôda a sua vida sacerdotal ao estudo e prá-

tica da Liturgia, autor universalmente conhecido de obras de grande valor nessa matéria. São, entretanto, as observações do liturgista viajante que nêste momento nos interessam, a fim de chamar a atenção para o problema da Missa rezada e da participação dos fiéis na mesma.

Em uma localidade, certo sacerdote foi convidado para pregar na Missa de importante paróquia. Naturalmente perguntou ao pároco quanto tempo mais ou menos deveria durar seu sermão, recebeu imediata resposta: "Comece quando o celebrante chegar ao altar e assim terá todo o tempo da Missa". Perguntou então o pregador: "Mas afinal é a Missa que vai ilustrar o meu sermão, ou êste que vai adornar a Missa?"

Em certo colégio, durante a Missa de domingo e dos dias da semana, o padre serve-se do tempo da Missa para recordar as aulas de catecismo com os alunos, começando com os mandamentos de Deus e da Igreja.

Um pároco dava a seguinte explicação: "Sabe, o povo é muito ocupado, assim em meia hora êles têm confissão, o terço, sermão com as comunicações semanais e... a Missa". Em um seminário, quando faltava tempo para a meditação, era esta feita durante a Missa :o primeiro ponto antes, o segundo depois da consagração. Uma vez que a meditação era obrigatória, tinha de ser feita, a Missa ajudava a encontrar tempo para isso.

Afinal, a Missa não é obrigatória senão aos domnigos e para satisfazer essa obrigação, isto é, para não pecar contra ela, basta uma presença de união moral, dentro de certa presença física, com o que se passa no altar. Dentro de uma concepção minimista dos deveres cristãos, esvazia-se o sentido dos mesmos levando ao abandono do próprio mínimo. Não será isso o que se assiste em nossa vida cristã, e não só no Brasil?

Aí estão as normas do zêlo apostólico de Pio XII para indicar e impôr uma solução. Todo o empenho está em fazer conhecer a Missa, participando dela como ato comunitário, para poder vivê-la na irradiação da vida apostólica e santificadora do Cristo. As palavras decisivas da Igreja não podem permanecer desconhecidas, não podem ficar letra morta.

D. J. E.

* * *

Questões suscitadas pela recente instrução da sagrada Congregação dos Ritos (de 3/9/1958) e respondidas pelo R. Pe. Frederick R. McManus, professor de direito canônico na Catholic University of America e redator da revista The Jurist, transcristas de "Worship", XXXIII, 3 e 4 — fevereiro e março de 1959.

Pergunta: A instrução de 3 de setembro último requer alguma promulgação local, em cada diocese, antes de começar a ser aplicada ?

Resposta: Não. com a sua publicação no órgão oficial da Santa Sé, "Acta Apostolicae Sedis" (edição de 22 de setembro de 1958), a instrução se tornou efetiva para tôda a Igreja Latina. Nenhuma promulgação local poderá aumentar ou diminuir a sua autoridade, que é a do Bispo de Roma.

Qualquer tentativa de impedimento ou dilação de uma lei papal, através da exigência do consentimento de outras autoridades, sejam eclesiásticas ou civis, seria um grave ataque à suprema autoridade da Sé Apostólica. As leis publicadas em Roma são consideradas, por tal fato, como promulgadas para todo o orbe e têm "a mais plena fôrça de lei" (São Pio X, constituição "Promulgandi", de 29 de setembro de 1908, in Acta Apostolicae Sedis, I, 1909, 5). A legislação papal é publicada regularmente nos "Acta Apostolicae Sedis (cânon 9) e não é praxe da Santa Sé enviar qualquer informação adicional aos Ordinários locais ou superiores religiosos.

A observância obrigatória da Instrução, como diz claramente o seu ultimo parágrafo, atinge a todos os interessados. Isto se refere, em primeiro lugar, aos bispos, que não devem apenas obedecer à Instrução, mas até impor que seja obedecida (cânones 336 § 1, 12611), principalmente através das diversas comissões diocesanas já requeridas pela Santa Sé: Comissão para Música Sacra (1903), para Arte Sacra (1924) e para a Sagrada Liturgia (1947). A obrigação recái ainda sôbre os vigários, capelães, sôbre os que têm cura de almas, os superiores de instituições de ensino, os superiores religiosos, os organistas, os mestres de côro etc. Secundàriamente, também o simples fiel tem a obrigação de pelo menos cooperar com os esforços dos seus pastores para o desenvolvimento de uma participação litúrgica sincera.

Pergunta: A quem compete decidir quanto à forma precisa de participação a ser seguida em determinada Missa ou em determinada ocasião ?

Resposta: Usualmente esta decisão compete aos vigários, reitores de outras igrejas, capelães, superiores de instituições e até mesmo aos celebrantes, individualmente. É uma decisão a ser tomada na base das capacidades da respectiva comunidade e no preparo que está tenha recebido. Se a preparação ou instrução fôr falha, devem os responsáveis acima mencionados procurar remediá-la. A Instrução de 3 de setembro pressupõe, para seminários e comunidades religiosas, o emprêgo dos níveis mais elevados de participação na Missa dialogada (nos. 30 d, 36) quando a Missa da comunidade não fôr cantada (n.º 25 c).

Talvez se deva chamar a atenção para a grande variedade de formas de participação previstas pela Santa Sé. Não há vantagem especial numa absoluta uniformidade de tôdas as Missas, mesmo entre uma paróquia e outra. Há um tipo de participação adequado para as Missas semanais rezadas, outro para as Missas dominicais de grande afluência de fiéis, outro ainda para Missas de ocasiões especiais, como as de casamento, as de funerais etc. O tipo de fiéis, a experiência do grupo, a capacidade do chefe, todos êsses fatores devem ser tomados em consideração.

Ao mesmo tempo, deve ter-se o maior cuidado em não privar os fiéis do seu direito batismal de exercer uma participação litúrgica direta, quando nada ao menos pela dialogação ou canto de simples respostas. Realmente custa a crêr que um conjunto de fiéis seja incapaz de dizer "Amen" ou "Et cum spiritu tuo", para começar. E são respostas breves como essas que encerram sentido teológico e litúrgico dos mais profundos na Santa Missa.

Pergunta: É permitida a mistura de diferentes modos ou graus de participação na Missa rezada ?

Respostas: Sim. Não há razão para que os vários níveis de participação da Missa rezada, diretos ou indiretos, não possam ser combinados de acôrdo com o que as circunstâncias venham a sugerir.

Conforme a Instrução da Santa Sé a que nos vimos referindo, há três modos de participação próprios da Missa rezada : 1) participação do fiel por sua própria iniciativa, interna e externamente, sobretudo através do uso do missal; 2) recitação comum das orações e canto dos hinos apropriados às várias partes da Santa Missa e 3) resposta e recitação litúrgicas das partes da Missa que são próprias do povo.

É êsse terceiro modo de participação que constitui a chamada Missa dialogada; desta se podem distinguir quatro graus, conforme sejam recitadas : a) as respostas simples; b) também as partes do acólito [e, se fôr distribuída a Santa Comunhão, o "Confiteor" e os três "Domine non sum dignus]; c) além das anteriores, os "cantos" do ordinário da Missa ["Glória in excelsis Deo", "Credo", "Sanctus-Benedictus", "Agnus Dei"]; d) igualmente, os "cantos" do próprio da Missa [intróito, Gradual, Ofertório, Comunhão]. Em cada um dêsses graus de participação pode ser acrescentada a recitação do Pai-Nosso em latim, em união com o celebrante. Depois de uma experiência de três anos desta prática na Sexta-Feira Santa, muitos paroquianos já deveriam estar preparados para isto.

Duas combinações possíveis podem ser sugeridas: unir as respostas simples (primeiro grau da Missa dialogada) ao canto de vários hinos em vernáculo (segundo modo de participação); ou recitar as respostas simples e os "cantos" do ordinário da Missa (primeiro e terceiro graus da Missa dialogada), com ou sem hinos em vernáculo. As considerações locais é que ditarão qual o programa a seguir nas várias Missas, nas diferentes ocasiões e com os diferentes tipos de comunidade.

Pergunta: Pode-se celebrar Missa dialogada sem outra permissão ou norma além da própria Instrução de 3 de setembro último ?

Resposta: Sim. A Missa dialogada — isto é, a Missa rezada na qual o fiel recita, em latim e em voz alta, os textos apropriados da Missa, uns em resposta ao celebrante, outros ao mesmo tempo que êle — é plenamente autorizada e o seu uso incentivado pela Santa Sé. Não é necessária outra permissão e a sua prática deve ser introduzida sem demora.

Embora o papa Pio XII tenha incentivado vivamente a prática da Missa dialogada na sua encíclica "Mediator Dei", de 1947, a recente Instrução de 3 de setembro define a matéria em têrmos legais precisos. Essa Instrução tem fôrça de lei para todos os ritos da Igreja Latina.

Os quatro graus da Missa dialogada, descritos no parágrafo n.º 31 da Instrução, constituem a participação litúrgica direta do fiel (n.º 11b). Formam uma parte de uma "actio" ou função litúrgica, cujo regimentação é absolutamente reservada à Sé Apostólica (n.º 12, cânon 1257). Nenhuma

outra autoridade da Igreja pode alterar esta forma autêntica de participação leiga na Missa rezada, seja por acréscimo, seja por limitação da mesma.

Bem diferente é o caso das devoções ou "exercícios de piedade", que seguem os costumes e outras influências locais, uma vez aprovados por autoridades locais. A Sagrada Congregação dos Ritos distingue cuidadosamente tais devoções dos ritos estritamente litúrgicos, incluída nestes a Missa dialogada, tal como definida acima. As orações e os hinos devocionais são deixados à regulamentação da autoridade local, mas a maneira de celebrar a sagrada liturgia é determinada tão sòmente pela Sé Apostólica. A instrução, além do mais, deixa claro em que ocasiões é necessária a permissão do Ordinário do lugar; por exemplo, para a difusão radiofônica de serviços litúrgicos (nº 74) ou a execução da concertos de música sacra nas Igrejas (n.º 55). Para a Missa dialogada, porém, não há necessidade de tal permissão.

A Missa dialogada, no sentido estrito, requer a participação direta do leigo pela recitação em latim de um ou mais graus, dentre os quatro decretados pela Congregação dos Ritos. Além da Missa de dialogação em latim, a Instrução permite e incentiva a participação indireta do fiel na Missa rezada. Esta se fará através de orações comuns e hinos em vernáculo, os quais devem estar em harmonia com cada uma das partes da Missa (n.º 30). Essas orações e hinos podem ser utilizados como uma alternativa à Missa dialogada ou, o que é certamente preferível, em combinação com um ou outro dos graus de dialogação em latim.

Não é necessária uma permissão explícita para êsse tipo de participação indireta. Podem ser utilizados hinos ou orações aceitos ou aprovados, bastando que estejam em consonância com a estrutura e o sentido da Missa. (1)

Pergunta: Qual a fôrça obrigatória ou coercitiva da Instrução de setembro último, baixada pela Sagrada Congregação dos Ritos ?

Resposta: Para responder a esta pergunta, basta citar as palavras que finalizam a Instrução : Sua Santidade "ordenou que (esta Instrução) fôsse promulgada e diligentemente observada por todos aquêles aos quais diz respeito". Aquêles a quem ela, de uma maneira ou de outra, diz respeito,

(1) Até aqui, transcreve-se da Revista "Worship", fevereiro de 1959.

aquêles que são obrigados a obedecer a essa lei, são todos os membros da Igreja Latina (n.º 11): romano, ambrosiano, mozárabe, dominicano, carmelita etc.

A obrigação em consciência, de obedecer a êsse conjunto de legislação, não difere da obrigação que existe para outras promulgações da Igreja. O legislador, que, em última análise, é o Romano Pontífice, tem o poder de obrigar os seus súditos. Do nosso ponto de vista, a obrigação é uma necessidade moral de obedecer, de fazer o que é ordenado e omitir o que é proibido.

Não são tôdas as 118 secções da Instrução que impõem uma obrigação direta. Em alguns casos depara-se com um "conselho" ou exortação; em geral isto se percebe claramente pela própria linguagem empregada. A presença ou ausência de obrigação específica deve ser determinada de acôrdo com o sentido próprio dos têrmos usados, tanto no texto como no contexto; esta é a norma fundamental para a interpretação ou compreensão de uma lei (cânon 18).

Há muitos modos de exprimir a idéia de obrigação, no latim eclesiástico, mais ou menos como o faríamos em português, empregando os conceitos de dever, ser necessário, legal, ilegal, proibido etc. Todos êles implicam uma obrigação, quer de prescrições positivas, quer de proibições negativas, e todos devem ser obedecidos.

1) Grande parte da legislação não é nova, sendo algumas prescrições do tempo de S. Pio X. Isto significa que muitas dessas normas já eram de obrigação antes da data efetiva da Instrução. Isto faz lembrar o fato pouco feliz de que, por cêrca de meio século, vêm os Papas tentando garantir a observância das leis de música sacra e liturgia — desde o motu próprio "Inter pasteralis officii", que S. Pio X denominou "código jurídico de música sacra".

2) Seria grave êrro pensar que o título de "Instrução" pudesse significar que sua finalidade fôsse apenas uma mera exortação. Documentos dêsse tipo, provenientes da Santa Sé, devem ser julgados de acôrdo com o seu conteúdo: no caso presente impõe verdadeiras obrigações (Cf. Michiels, "Normae Generales Juris Canonici, Paris, Desclée, 1949, I, 155/56).

3) Alguns, sem dúvida, têm experimentado certa dificuldade com a Instrução, pelo fato de *algumas* de suas normas

aparecerem indefinidas. Isto não significa que não haja obrigação de obedecer, mas apenas que a ordem dada deve ser julgada de acôrdo com uma prudente apreciação moral.

Por exemplo, as explicações feitas durante a Santa Missa devem ser curtas, sóbrias e oportunas (n.º 96-c). Isso é obrigatório; o explicador que desse, durante os ritos sacros, interpertações muito numerosas, rebuscadas ou inopoturnas, estaria incorrendo em violação de uma lei eclesiástica. No entanto, seria impraticável, para o legislador, dar diretivas mais específicas : dizer quantas frases o explicador pode usar, indicar os pontos precisos em que pode interromper o comentário etc. O fato de ser concedida alguma discrição ao súdito da lei, não lhe diminui a obrigação de obedecer.

Isto deve ser aplicado ao vasto problema da participação vocal em geral. Com relação à Missa cantada, a Instrução estabelece uma norma específica mínima : ensinar a todos os fiéis as respostas simples (n.º 25-a) e uma das Missas cantadas (n.º 25-b). Quanto às Missas rezadas, a obrigação é apresentada em termos gerais — a Missa "requer" participação (n.º 22); os fiéis não devem ser "estranhos ou espectadores mudos", mas devem "exercer o tipo de participação que um tão grande mistério requer e que produz os mais abundantes frutos" (n.º 28). Segue-se uma variedade de modos e graus de participação, de mais simples ao mais elevado, sem nenhuma obrigação definida ou específica de empregar êste ou aquêle.

Concluir-se-á então que estejam livres de obrigação a êsse respeito aquêles que têm o encargo das almas ? Longe disto. O tipo e a medida da participação podem não ser especificados : são deixados ao arbítrio honesto e esclarecido daqueles a quem de direito, principalmente os pastores de almas. Mas a obrigação sem nenhuma dúvida existe: a de ensinar e incentivar aquela participação que frutifique para a perfeição.

Não se pode esperar que a Santa Sé explicite todos os detalhes, conheça tôda particular circunstância e resolva todo problema de cada paróquia da Igreja Latina. Nem é necessàriamente desejável essa imposição de um padrão rígido e uniforme em uma região onde há possibilidade de crescimento litúrgico. O que é impôsto pela suprema autoridade da Igreja é a obrigação de celebrar os divinos mistérios de uma maneira apropriada, com a participação dos fiéis que fôr

possível obter. Esta, é excusado dizer, quanto maior fôr, melhor, e o espírito da Instrução deve ser cumprido com zêlo, obediência e compreensão dos fundamentos doutrinais em que se firma. (nos. 1, 2, 12 14, 22, 93).

("Worship" — março. 1959).

O CANTO NA EDUCAÇÃO PARA A LITURGIA

Durante a celebração da Semana Litúrgica realizada com grande brilho no Seminário de Viamão, o Exmo. Sr. Arcebispo de Vitória, Dom João Batista da Motta e Albuquerque, dignou-se responder às perguntas referentes ao tema "Liturgia para todos" feitas por um dos semanistas. Entre outras qüestões abordadas encontra-se a seguinte:

— "Na opinião de V. Excia. o canto gregoriano tem grande importância pedagógica na educação para a Liturgia?

Ao que o Revdo. D. Motta respondeu:

— "Tem. Acho que para levar os fiéis logo ao canto gregoriano temos primeiro que formar pessoas capazes de ensinar direito canto gregoriano. Porque senão é um desastre. Por isso eu creio que o canto gregoriano é uma verdadeira escola de ascética, de contato com Deus Nosso Senhor. Podemos ver neste ponto o seguinte:

1 — Que o canto gregoriano é o canto da oração, que nos põe em contato direto com Deus Nosso Senhor.

2 — O canto gregoriano é um canto que nos leva a Deus não sòzinhos, mas com uma comunidade, com os irmãos.

3 — É um canto de uma grande contenção. Veja: é um canto que tem a sua tranqüilidade, a sua alma, mas também tem os seus grandes entusiasmos. Mas é um entusiasmo comedido. Nunca é aquêle entusiasmo de ópera e que às vêzes encontramos em algumas missas modernas; uma coisa extraordinária. É sempre aquela contenção de uma alma que está de posse de Deus. E nunca é uma obsessão. Nunca é uma coisa de energúmenos. Mas uma coisa tranqüila, em paz. O canto gregoriano tem uma grande mensagem: de paz. De paz interior. Dá a paz de Deus e depois faz com que a gente saboreie essa paz. O canto mesmo já é o fruto dessa

paz que está em nós. Essa é a grande lição que o canto gregoriano nos traz.

Haveria outras coisas a dizer, como a ascética do canto gregoriano, a disciplina, que também existe na outra música. Mas é uma disciplina livre. Não é aquela disciplina marcada, estrangulada pelas barras. É uma coisa livre que vai de acôrdo com a palavra, vai de acôrdo com o fervor da hora, da idéia. Há uma certa liberdade, apesar de uma grande disciplina que o canto exige. Isso em poucos minutos não dá para dizer. Mas, eu creio que realmente o canto gregoriano nos leva a uma grande espiritualidade." (1)

---

(1) Extraído de "O Seminário" revista dos seminaristas de Viamão, R.G. do Sul.

VIDA DO INSTITUTO PIO X

CURSO "SÃO PIO X"

Não há quem negue que, entre tôdas as artes, a a mais espiritualisante é a música. Não apenas lembra, mas realiza, uma presença de Deus, vivo e beatificante. O Canto Gregoriano nos transporta continuamente para o Absoluto, para o Imortal. Deus desce ao homem! O homem volta para Deus!

Eis a grande missão do Canto Gregoriano!

Eis o que nos leva, com tanto ardor e entusiasmo, ao estudo do canto oficial da Igreja. O alvo de nossas ambições é o nobre, o sublime. Justamente tudo isso, e muito mais ainda, tudo a que aspiramos, encontramos na leve e graciosa música gregoriana. E ela contemplação, por isso seu estudo exige abnegação, sacrifício, renúncia, concentração, mas, sobretudo e antes de tudo, um espírito profundo e uma íntima união com Deus. Mas, convictas de que, cultivando o Canto Gregoriano entre nos, cultivamos o próprio Cristo, desenvolvemos Sua vida em nós e no regaço de nossa Mãe, a Santa Igreja, nenhum esfôrço é demasiado, nenhum obstáculo instransponível.

Exaltar os louvores de Deus é o que procuramos, e é esta também a finalidade do nosso curso, que funciona desde agôsto do ano passado.

É nas horas dêste curso que aprendemos a amar o Canto Gregoriano pela cuidadosa observação de suas exigências, seu rítmo delicado, seu vôo leve. Tudo o que êle nos quer dar, procuramos interpretar. Para facilitá-lo e conseguirmos exprimir aquilo que a música contém, a professôra expõe a teoria com explicação fácil e completa. Em seguida escutamos, em profundo silêncio e mui atentamente, um disco de missa, cantada pelos monges de Solesmes. Escolhemos de preferência alguma parte da missa que no domingo ou festa seguinte será cantada na capela. Há, assim, interêsse geral, pois cada uma pode verificar claramente se houve algum progresso e se o ensaio foi eficaz. Segue-se o comentário. Procuramos as partes fortes, fracas,

as que exprimem louvor, gratidão, jubilo, etc., enfim, tudo o que o trecho nos quis comunicar. Pela 2.ª vez o disco corre e nós, suavemente, acompanhamos o canto. Torna-se assim mais fácil e ouve-se melhor as repercussões, os "Crescendos", o rítmo. A professôra chama atenção para as partes que ainda não executamos com perfeição. Cessa o disco e procuramos executar mais perfeitamente o trecho, sem acompanhamento.

A parte teórica também é bastante cultivada e apreciada. Claro está que sem ela não poderíamos cantar com exatidão. Cada qual, em sua caderneta, toma anotações de cada explicação.

As anedotas e historietas também encontram seu lugar nestas aulas, pois elas nos auxiliam a guardar o nome das diferentes notas e das diversas claves.

Nosso curso foi iniciado com a explicação do tetragrama e posição das claves e nomes das notas. Em pouco tempo começamos a estudar os grupos de neumas e a análise dos mesmos. Vamos passo a passo, até conseguirmos o que desejamos, custe o que custar!

Como espôsas de Cristo, ou almejando sê-lo um dia, sentimo-nos felizes em compartilhar de tão sublime missão, a de enaltecer cada vez mais a oração cantada, jamais suficientemente aprimorada para os augustos mistérios que se renovam em nossos altares.

Falando do Canto Gregoriano, Sto. Agostinho expôs claramente o que também nós sentimos através de nosso curso: "As melodias insinuavam-se-me nos ouvidos, orvalhando de verdade o meu coração; ardia em afetos piedosos e corriam-me dos olhos lágrimas; mas sentia-me consolado com elas" ("Confissões").

Na verdade, nada é capaz de despertar a alma, de dar-lhe asas, de libertá-la da estreiteza das cadeias do mundo, de dar-lhe gôsto e amor da sabedoria... como as maravilhosas melodias dêsse canto divino, o Canto Gregoriano!

As alunas do curso do "Colégio Coração de Jesus" — Florianópolis, Sta. Catarina, 31 de março de 1959.

14.ª SEMANA DE ESTUDOS DE CANTO GREGORIANO

De acôrdo com o programa estabelecido pelo Instituto Pio X para a realização, duas vêzes por ano, das "Semanas Gregorianas", terá lugar no próximo mês de julho (16 a 26) a 14.ª Semana, que conforme o costume adotado para as Semanas que se realizam nas férias do meio do ano, se reunirá no *Rio de Jneiro*, no Colégio Sion, à Rua Cosme Velho, 98. Especialmente para os alunos do "Curso de Correspondência" é indispensável o comparecimento às Semanas para que possam obter os títulos a que fazem jus pelo trabalho realizado. Lembramos também que é esta a grande ocasião para que as comunidades religiosas e associações, bem assim como paróquias que nos pedem semanas e cursos e enviem alguns de seus elementos mais interessados e dotados a fim de que êles próprios, aos poucos estejam capacitados para formar e dirigir seus respectivos coros.

As inscrições para esta Semana, que contará com cursos de 1.º, 2.º, 3.º ano e interpretação, estão abertas na séde do Instituto Pio X, à Rua Real Grandeza, 108, Botafogo, tel. 26-1822.

ALUNAS DO COLÉGIO SANTOS ANJOS CANTAM NA RÁDIO VERA CRUZ

Sob a direção de Irmã Maria Filomena, da Congregação dos Santos Anjos, algumas alunas do mesmo Colégio cantaram por duas vêzes peças diversas da festa da Ascenção ao microfone da "Vera Cruz". A execução foi cuidadosamente preparada, revelando a capacidade da regente, aluna e professora do Instituto Pio X, para a pedagogia e interpretação do Canto Gregoriano. Exibições como estas deveriam animar-nos a realizar corajosamente o desejo da Igreja de que em cada paróquia e colégio haja uma Missa cantada no dia de Domingo, ainda que não integralmente cantada e apenas em seus textos mais fáceis, para começar.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO DIAC. IVO JOÃO GELAIN O. S. Cam.

Receberá a Ordenação Sacerdotal no próximo dia 28 de Junho, em Iomerê (Est. de Santa Catarina), o Diácono Ivo João Gelain, da Ordem dos Camilianos, que com muito proveito vem, por cêrca de três anos participando das "Semanas

Gregorianas" promovidas pelo Instituto Pio X no Rio e em S. Paulo. Todos os seus colegas e professores se rejubilam de ver o caro companheiro ser elevado a essa dignidade sublime de participação no Sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo, como "alter Christus". O neo-sacerdote será mais um daqueles que, no altar, vera coroados os seus estôrços, cantando com dignidade, beleza e edificação a grande prece da Ação de Graças. Êle se lembrará das intenções do Instituto Pio X que vive cada vez mais dessa grande união de seus membros em tôrno do altar. O rito Sacro será pontificado por S. Excia. D. Henrique Gelain, tio do Ordenando.

LIVROS EM REVISTA

Pe. Dr. A. I. M. Kat "Canto Gregoriano". Método de aprendizagem da leitura musical gregoriana. Primeira edição portuguêsa por Pe. A. M. I. Witschge C.Ss.R. 1958.

O canto gregoriano, aos poucos, vai despertando o interêsse de todos aqueles que aspiram por uma formação mais profunda e completa de sus súditos quer entre o clero diocesano quer entre os religiosos de diversas ordens e congregações. As diretivas da Santa Sé têm sido bastante claras e as dificuldades técnicas, que não são poucas, vão sendo vencidas por um trabalho árduo mas fecundo. Um passo para maior êxito nessa tarefa será a difusão dêsse "livro de exercícios" que já estando na décima edição no original holandês, aparece agora em nossa língua, graças ao zêlo do Redentorista P. Witschge.

O autor, Dr. Kat, laureado pela "Música Sacra" de Roma, e atualmente Diretor do Instituto de Música Eclesiástica da Catedral de São Bavo em Haarlem (Holanda) diz-nos que cantar mal é coisa freqüente e que quem ouve cantar mal, os fiéis que freqüentam as nossas Igrejas, perdem todo o gôsto pela música sacra, especialmente o gregoriano, pois, acrescentamos, êste é em geral o mais difícil de cantar bem. Algo se impõe: estudar, e antes do mais saber ler o que se vai cantar, para, nessa base poder construir uma interpretação, uma expressão de beleza a serviço da oração. De onde, um método de leitura do gregoriano. Quinze grupos de exercícios precedidos e entremeiados de preciosas indicações práticas, seja quanto à maneira de fazer os exercícios, seja quanto à sua utilidade para a execução do gregoriano com referências ao estilo, rítimo e caráter próprio do mesmo, compõem êste livro de menos de cem páginas. Por mais modesta que tenha sido a tarefa que se propuzera o autor: ensinar a leitura gregoriana, revela-se o bom gregorianista, na maneira de cumprí-la. Há um estudo dos neumas, com noções de rítmo e interpretação, insistindo também na qüestão de formação do ouvido interior e do cultivo da voz.

Será êste livro de grande utilidade para o mestre de Côro bem formado pelos Institutos Gregorianos que se dis-

ponha dar os primeiros passos com um côro de adultos ou crianças. Nota-se um ou outro descuido de revisão, como, por exemplo, um *não* em lugar de um *são*, à pág. 47, que deveria ser logo corrigido.

D. J. E.

J E C, O EVANGELHO NO COLÉGIO
— Fr. Mateus Rocha, Dominicano.

Livraria Duas Cidades. S. Paulo, 1958.

O ideal da educação cristã e a doutrina e métodos de formação e ação da JEC nos colégios são expostos de um modo vivido, claro e convincente. A exposição apoia-se de modo especial na palavra autorizada de dois grandes papas da A.C., Pio XI e Pio XII, freqüentemente citados. Fazendo repousar as atividades da JEC sôbre os alicerces da vida cristã consciente e generosa, Fr. Mateus Rocha nos alerta de novo contra todo perigo de imediatismo e ativismo estéreis. O método de ação e formação da JEC vem, assim, engastado num conjunto harmonioso, onde aparece em suas justas proporções de um caminho, que conduz à eficiência do apostolado. O equilíbrio, que o Autor estabelece, entre vida e ação, iniciativa e hierarquia, ideal e realidade, por exemplo, confirmam a nossa impressão de que o precioso livrinho foi vivido e experimentado, antes de ser escrito.

E, embora Fr. Mateus declare que "êste pequeno livro foi escrito especialmente para os jecistas", o seu trabalho fará muito bem, não apenas aos assistentes de juventude da A.C., mas também a todos aquêles que se dedicam à difícil e urgente tarefa da educação da mocidade.

D.T.F.

DISCO Long - play

(RCA VICTOR)

Côro do

INSTITUTO PIO X

Regente: D. João Evangelista Enout, O. S. B.

Cr$ 400,00, mais o porte

Pedidos à Confederação Católica Arquidiocesana

Rua São José, 90 — 21.º andar — Distrito Federal

à Livraria Lumen Christi — Caixa Postal, 2666

Distrito Federal e ao

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

D. ESTÊVÃO BETTENCOURT, O.S.B.:

Ciência e Fé na História dos Primórdios

Em estilo simples são analisados, à luz da exegese e da ciência contemporâneas, os capítulos da Sagrada Escritura que referem a origem do mundo, do homem, o pecado original, a situação do paraíso terrestre, o dilúvio, a longevidade das antigas gerações, a idade do gênero humano, a multiplicação das línguas, o "milagre" do Sol (Galileu), a história de Jonas e a de Jó.

A obra se destina a vasto ciclo de leitores ..... Cr$ 160,00)

A Vida que começa com a Morte

Um livro que trata das questões relativas ao além-túmulo e ao fim do mundo, procurando lançar luz sôbre as muitas teorias e "profecias" propaladas em nossos tempos.

Eis algumas das questões mais interessantes abordadas na obra: o purgatório e as nossas relações com as almas do purgatório; o inferno e a sua compatibilidade com a Bondade de Deus; a época da segunda vinda de Cristo; que será o Anticristo? Qual o aspecto dos corpos ressuscitados? Haverá uma conflagração final do universo? Podem existir habitantes em outros planetas? ..... (Cr$ 150,00)

"Cantarei com o Espírito, cantarei também com a Inteligência"

205 págs. Coletânea de artigos publicados na REVISTA GREGORIANA sôbre TEOLOGIA, ESCRITURA SAGRADA, LITURGIA, MARIOLOGIA, com abundantes referências de valor inestimável. ....(Cr$70,00)

Para entender o Antigo Testamento

A obra apresenta três capítulos iniciais, sôbre inspiração bíblica, gênio da língua hebraica, emprêgo de nomes e números na Sagrada Escritura. A seguir, expõe o pensamento religioso, assim como as linhas mestras que caracterizam os livros sagrados pré-cristãos. São também estudadas as principais dificuldades que um leitor moderno costuma experimentar ao abordar o Antigo Testamento: moralidade dos israelitas, costumes de guerra, a justiça punitiva de Deus, os conceitos de sonhos e doenças, as noções concernentes ao além-túmulo, os prodígios reais e aparentes da história sagrada. No fim encontra-se um pequeno guia para a leitura da Bíblia. (Cr$ 160,00).

O INSTITUTO PIO X aceita encomenda dos livros acima.

CLIMAX de Luxo 1959
MAXIMO em economia

climax

medalha de ouro 1959

Mais funcionalidade,
confôrto e beleza
..pelo menor preço!

CLIMAX Standard 21.500,
pôsto S. Paulo

- novo e modernissimo trinco
- espaçoso congelador horizontal
- acabamento primoroso
- compressor selado K-91, potente e econômico, fabricado sob licença da Tecumseh Products Co. (U.S.A.)

CLIMAX Luxo 27.770,
pôsto S. Paulo

- porta inteiramente aproveitada, com 4 divisões especiais
- internamente colorido em verde-branco/ouro
- frisos anodizados, côr de ouro

Aproveite as climáximas facilidades que seu revendedor lhe oferece!

Isnard & Cia. S.A.
COM. E IND. — SÃO PAULO

Av. São João, 1400
esq. Av. Duque de Caxias

TANTO PODES,
TANTO OUSES.

EM LOUVÁ-LO
NÃO REPOUSES:

EXCEDE SEMPRE
O TEU
LOUVOR.

(Seqüência da Festa do CORPO DE DEUS)

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9205

For use in Library only